

Aula 01 – Interpretação de texto: conceitos básicos

*Gramática e Interpretação de
texto
IME 2021*

Professora Celina Gil

Sumário

| | |
|---|----|
| <i>Apresentação</i> | 4 |
| <i>1 – Interpretação de texto</i> | 4 |
| <i>1.1 – O que é interpretar um texto?</i> | 4 |
| <i>Aspectos textuais</i> | 4 |
| <i>Aspectos extratextuais</i> | 5 |
| <i>Tipos de texto</i> | 5 |
| <i>2 – Gêneros Textuais</i> | 7 |
| <i>2.1 – Narrativo</i> | 7 |
| <i>2.2 – Dissertativo-Argumentativo</i> | 8 |
| <i>2.3 – Expositivo</i> | 9 |
| <i>2.4 – Descritivo</i> | 10 |
| <i>2.5 – Injuntivo</i> | 10 |
| <i>3 – Níveis de significação do texto</i> | 11 |
| <i>3.1 – Significação Explícita X Implícita</i> | 12 |
| <i>3.2 – Denotação X Conotação</i> | 14 |
| <i>4 – Variação Linguística</i> | 16 |
| <i>5 – Tipos de Discurso</i> | 20 |
| <i>5.1 – Discurso direto</i> | 20 |
| <i>5.2 – Discurso Indireto</i> | 21 |
| <i>5.3 – Discurso indireto livre</i> | 23 |
| <i>6 – Funções da linguagem</i> | 25 |
| <i>6.1 – Função Poética</i> | 25 |
| <i>6.2 – Função emotiva</i> | 26 |
| <i>6.3 - Função conativa</i> | 26 |
| <i>6.4. Função metalinguística</i> | 27 |
| <i>6.5. Função fática</i> | 28 |
| <i>6.6 – Função Referencial</i> | 28 |



| | |
|--|------------|
| 7 – Questões | 29 |
| 7.1 – Lista de Questões..... | 29 |
| 7.2 – Gabarito..... | 71 |
| 7.3 – Exercícios comentados | 72 |
| 8 – Referências Bibliográficas..... | 135 |
| Considerações finais..... | 136 |



Apresentação

Caro aluno,

Olá!

Nessa aula veremos alguns conceitos básicos para interpretar um texto. Nossa aula contempla os seguintes pontos:

AULA 02 – Interpretação: Conceitos básicos.

- Gêneros textuais;
- Níveis de significação do texto (explícita e implícita // denotação e conotação);
- Distinção entre variedades do português; Tipos de discurso (direto, indireto, indireto livre); e
- Funções da linguagem.

Vamos juntos?

1 – Interpretação de texto

Nesta aula vamos ver uma série de dados que são importantes para a boa interpretação de um texto. Saber identificar gêneros textuais, níveis de significação e outros elementos é o primeiro passo para entender um texto.

1.1 – O que é interpretar um texto?

Segundo Umberto Eco (2005), para interpretar um texto é preciso entender a *intenção do texto*, ou seja, o que aquele texto quer dizer. Embora um texto possa conter em si uma série de significados e possa ser entendido pelos leitores de maneiras diferentes, é preciso sempre estar atento àquilo que ele pretende passar em si.

Aspectos textuais

Quais são os aspectos textuais que podem ajudar a entender a intenção do texto?

- Estilo da linguagem: mais formal ou mais coloquial; utilizando termos técnicos ou gírias populares.



- Gênero do texto: tipo narrativo, descritivo, dissertativo-argumentativo, expositivo ou injuntivo.
- Pessoa em que é escrito: primeira, segunda ou terceira pessoa; singular ou plural.
- Emissor a que se direciona: idade, gênero e etnia; escolarizado ou não; brasileiro ou estrangeiro.



É preciso tomar muito cuidado para não colocar no texto intenções que não estão lá. Por vezes, quando não concordamos com o conteúdo de algum texto, acabamos por conferir significados a ele que não estão lá. Outras vezes, estamos buscando argumentos para corroborar alguma ideia nossa e “torcemos” o texto para ficar a nosso favor. Isso é um erro grave!

Interprete o texto, entenda qual a sua intenção e se for útil para aquele momento, o acesse. Se não for útil para você, não faça uso dele, pois uma interpretação errônea pode ser muito prejudicial!

Aspectos extratextuais

Alguns índices extratextuais podem fornecer pistas da intenção do texto:

- época em que foi escrito ou publicado;
- Biografia do autor;
- Meio em que foi publicado ou veiculado;
- Contexto: outros textos ou fragmentos que o antecedam ou sejam posteriores a ele;
- Referências a outras matérias, como história, geografia, filosofia, entre outras;
- Imagens que acompanham o texto.

Tipos de texto

Um texto pode ser puramente verbal, visual ou conter elementos verbais e visuais. Vamos ver exemplos:

Texto verbal:

Soneto 005
Luís de Camões

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;



é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Texto não-verbal:

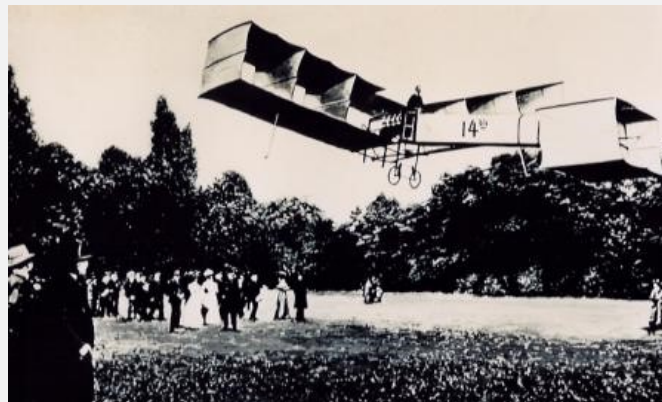


Figura 1 - A aeronave 14 Bis de Alberto Santos Dumont (13 set 1906). Fonte: Domínio público

Texto verbal e visual

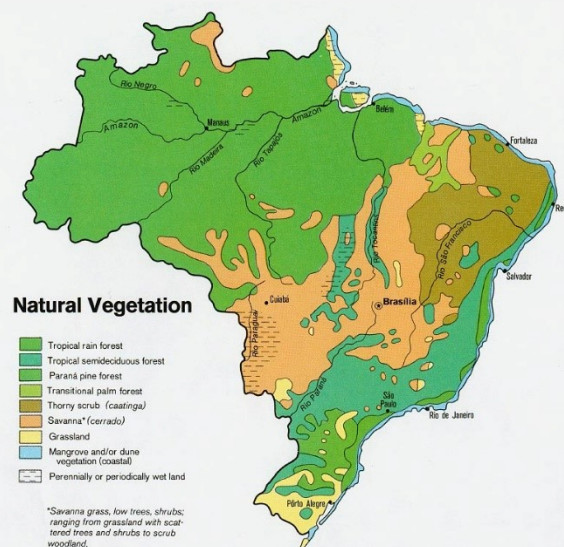


Figura 2 - Mapa da vegetação natural do Brasil de 1977 – U.S. Agency of International Development. Fonte: Domínio Público

Há ainda o caso específico da música, que por ser composta de letra e música, é um texto com elementos verbais e não verbais. Repare que principalmente com músicas muito conhecidas é muito difícil não ler o texto já no ritmo em que ele é cantado.

ABRE ALAS

Chiquinha Gonzaga

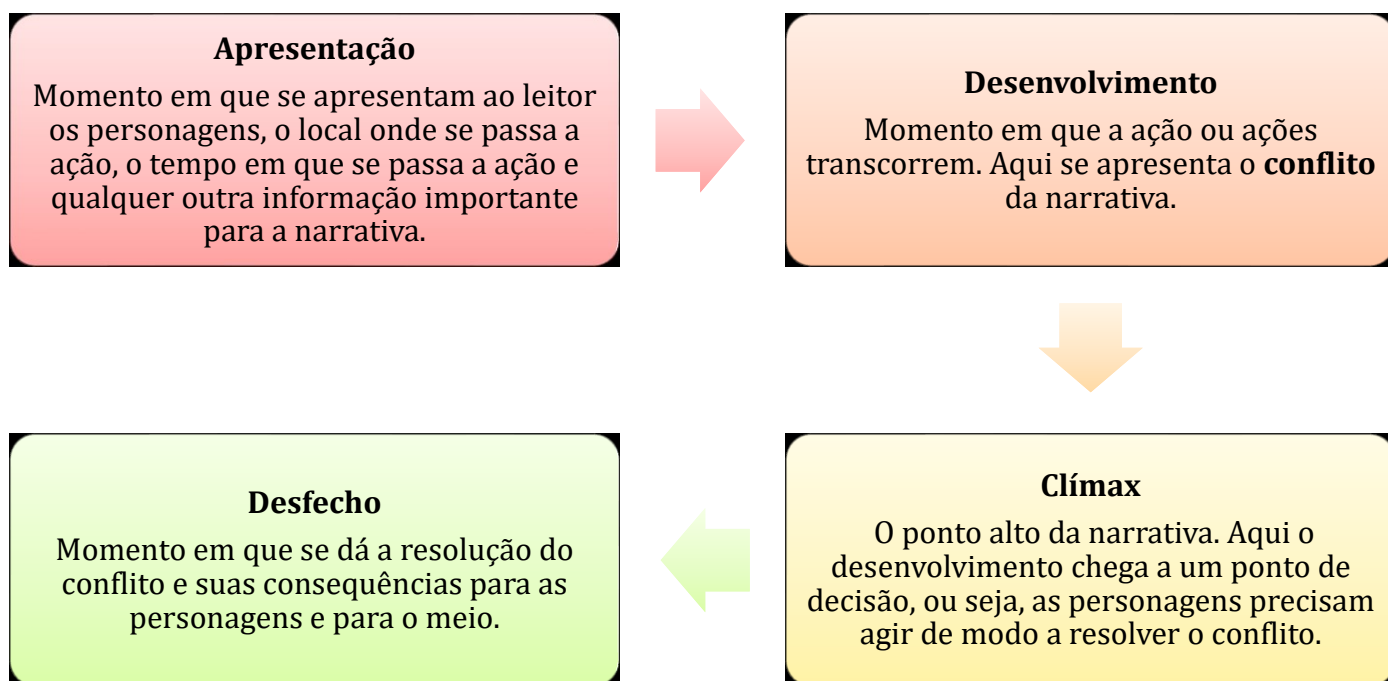
Ó abre alas que eu quero passar
 Ó abre alas que eu quero passar
 Eu sou da Lira e não posso negar
 Eu sou da Lira e não posso negar

2 – Gêneros Textuais

Tradicionalmente, tende-se a dividir os possíveis gêneros textuais em **cinco tipos de texto**: narrativo, dissertativo-argumentativo, expositivo, descritivo ou injuntivo. Saber as características de cada um vai te ajudar não só a interpretar textos com mais facilidade, como também produzir redações. Vamos ver um pouco melhor sobre cada um deles.

2.1 – Narrativo

Um texto narrativo é aquele que apresenta uma **ação num determinado tempo e espaço**. Normalmente, apresenta-se personagens – humanos ou não – que protagonizam essas ações. Esse tipo de texto tende a ter uma estrutura padrão, independente do seu tamanho:



Os exemplos mais comuns são **romances, novelas e contos e, por vezes, crônicas**. Além destes tipos de texto, também há aparecimento de textos narrativos em **fábulas e lendas**, sejam estas escritas ou orais. A poesia também pode ser narrativa, como a **literatura de cordel** ou a **poesia épica**.

Além disso, os **textos dramáticos, como peças teatrais e roteiros cinematográficos**, também se encontram nesse tipo textual.

2.2 – Dissertativo-Argumentativo

Este é o tipo de texto mais importante para os vestibulares. A grande maioria das provas de redação exigem a produção de textos dessa natureza. O objetivo de um texto dissertativo-argumentativo é expor um ponto de vista sobre determinado tema ou assunto. Para isso, deve-se utilizar argumentos que corroborem sua tese acerca do tema proposto. Apesar de ser um texto de **caráter opinativo**, tende a aparecer com frequência usando uma linguagem mais formal ou impessoal.

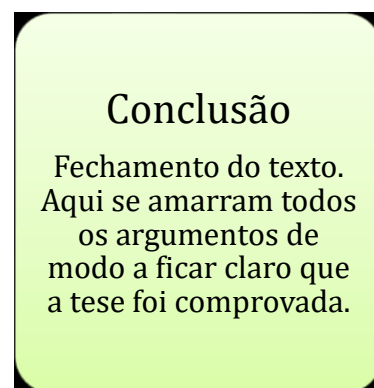
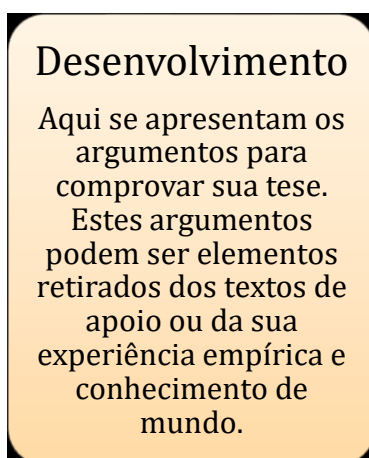
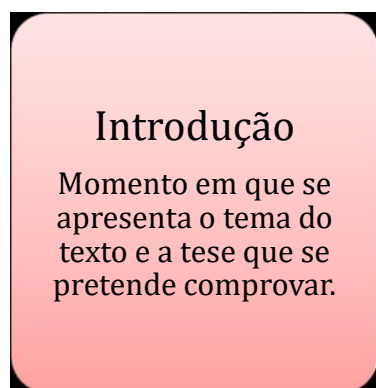


Tema e tese são conceitos diferentes!

O tema de um texto é o assunto ao qual ele se refere.

A tese é a sua opinião/percepção sobre o tema apresentado.

A estrutura de um texto dissertativo-argumentativo costuma ser dividida em três partes: **introdução, desenvolvimento e conclusão**.



Os **artigos de opinião e colunas de jornais** são os mais comuns, mas muitos **ensaios jornalísticos** se estruturam da mesma maneira. Além deles, outros textos opinativos também podem ser considerados textos dissertativos: **manifestos e abaixo-assinados**, por exemplo, também seguem essa estrutura.

2.3 – Expositivo

Diferente do dissertativo-argumentativo, o texto expositivo apresenta uma ideia, mas **não** deve opinar nem emitir juízo de valor sobre ela. Assim, ao invés de apresentar argumentos para embasar sua fala, esse tipo textual faz uso de dados científicos, definições, conceitos, comparação de informação, entre outros recursos.

O **texto jornalístico** é o exemplo mais comum de textos expositivos, uma vez que seu objetivo é o de transmitir, tanto quanto for possível, uma notícia na integridade dos fatos. **Textos didáticos, como apostilas, dicionários, livros teóricos e enciclopédias** também devem se comprometer com o texto expositivo.

Veja aqui uma comparação de dois textos tratando do mesmo assunto, porém um com caráter expositivo e outro com caráter opinativo.

| Expositivo | Opinativo |
|---|---|
| <p>“A Academia de Cinema de Hollywood anunciou nesta terça-feira, 22, os indicados ao Oscar 2019, a 91ª edição da premiação, que acontecerá no dia 24 de fevereiro. Roma, dirigido pelo mexicano Alfonso Cuarón e produzido pela Netflix, teve dez indicações, incluindo melhor filme, melhor diretor e melhor roteiro. Pela quinta vez, um filme concorre nas categorias melhor filme e melhor filme estrangeiro na mesma edição.”</p> <p><i>Fragmento retirado de El País, 22/01/19</i></p> | <p>“Pode-se dizer que a edição de 2019 do Oscar começou fazendo história. Roma quebrou um forte estigma (ou seria preconceito?) e se tornou o primeiro filme em língua espanhola a ser indicado na categoria principal. E não só isso: a produção de Alfonso Cuarón foi indicada em outras nove categorias, como Melhor Fotografia, Atriz, Atriz Coadjuvante e Roteiro Original. É um feito e tanto que merece forte comemoração, ainda mais quando o longa-metragem provavelmente fizer a limpa em, pelo menos, metade deles. Vai ser um momento e tanto pro Oscar, que se torna cada vez mais mexicano.”</p> <p><i>Fragmento retirado de Esquina da Cultura, 22/01/19</i></p> |

2.4 – Descritivo

Um texto descritivo busca expor ou relatar. Pode-se descrever uma série de assuntos diferentes: uma pessoa, física e psicologicamente; um objeto; uma obra de arte; um lugar ou época histórica; um acontecimento.

É muito comum encontrar trechos descritivos em outros gêneros literários. Muitos autores de romances, por exemplo, realizam descrições minuciosas em meio a suas obras narrativas. **Diários** e **relatos de viagem** também são permeados por muitas descrições. Nestes casos, os textos contêm muitos adjetivos para ajudar a provocar sensações no leitor. **Classificados, currículos e guias de viagem** são outros bons exemplos de texto descritivo.

Aqui, dois fragmentos descritivos, um com muitos adjetivos e o outro mais objetivo, ambos do mesmo texto:

“San Andrés é uma ilha **pobre**, que carece de cuidado, mas tem um mar **incrível** e passeios **surpreendentes**. Um destino para aproveitar pequenos prazeres, descansar, pegar um bronzeado, fazer compras e curtir paisagens **de tirar o fôlego**.”

San Andrés está fora da rota de furações, mas pode ser afetada indiretamente por furacões no Caribe, sofrendo com ventos e chuvas, mais comuns entre agosto e outubro.

Fragmentos retirados de Guia de Destinos, s/d.

2.5 – Injuntivo

O quinto e último tipo textual, o injuntivo, tem por objetivo instruir ou prescrever. Textos assim buscam ordenar, persuadir ou orientar o leitor/receptor de alguma maneira. Justamente por isso, tendem a aparecer com os verbos no modo imperativo. A linguagem desses textos costuma ser o mais objetiva possível.

Podem ser considerados injuntivos **manuals, editais, receitas culinárias, códigos de leis, bulas de remédio, contratos de trabalho, entre outros**.

Receitas:

Receita de Ambrosia

Ingredientes

- 2 colheres (sopa) de leite;
- 8 ovos;
- 6 colheres (sopa) de açúcar;
- 3 xícaras (chá) de suco de limão;
- Cravo e canela.



Modo de preparo

- Bata os ovos até ficar homogêneo.
- Em uma panela média, misture o açúcar, cravo e canela até ferver.
- Depois de ferver, adicione leite, limão e os ovos batidos.
- Mexa de tempos em tempos, em fogo baixo, até ferver.
- Deixe descansar e sirva depois de frio.



RESUMINDO

Narrativo: narra as ações de uma personagem em torno de um conflito;

Dissertativo-argumentativo: expõe argumentos para corroborar uma opinião.

Expositivo: enumera dados a fim de informar, sem opinar sobre.

Descritivo: expõe as características de algo ou alguém.

Injuntivo: busca sugerir, ordenar, convencer, orientar ou prescrever.



FIQUE ATENTO!

Não confunda **Gêneros textuais** com **Gêneros literários**!

Gênero textual é um modo de classificar um texto de acordo com sua construção e objetivo.

Gêneros literários dividem especificamente obras de literatura, de acordo com um conjunto de características que as compõe. São eles: lírico, épico e dramático.

3 – Níveis de significação do texto

Além de conhecer os gêneros textuais, para realizar uma boa interpretação é preciso compreender as camadas de significado daquilo que se está lendo. Há, essencialmente, dois modos



de compreender os níveis de significação: identificar se a significação é **explícita** ou **implícita**; e identificar se sua linguagem é mais **denotativa** ou **conotativa**.

3.1 – Significação Explícita X Implícita

Uma informação **explícita no texto está no nível da objetividade**, ou seja, não depende da interpretação do leitor. É aquilo que está expresso de maneira linear objetiva.

Já a informação **implícita é aquela que não está dada textualmente, mas que pode ser auferida** a partir do entendimento do texto. Depende do conhecimento de mundo do leitor, pois acessa informações que não estão presentes de maneira objetiva.

Observe o seguinte diálogo:

A – Vamos nos encontrar amanhã para fazer o trabalho?

B – Amanhã não tem aula, lembra?

A – Tinha esquecido! Vamos nos encontrar na biblioteca então?

B – Sim. Eu te pego no metrô e vamos juntas. Mas tem que ser cedo, pois amanhã é meu rodízio.

A – Que pena! De manhã eu não posso.

B – Fazemos quarta na faculdade depois do almoço então.

Informações explícitas

- A quer se encontrar com B para fazer um trabalho.
- Não terá aula no dia seguinte.
- A quer encontrar B na biblioteca.
- B quer pegar A no metrô cedo.
- A e B fazem faculdade.

Informações implícitas:

- A e B estudam juntas.
- B sabia que não teria aula.
- A biblioteca é longe do metrô.
- B possui um carro.
- A ficou triste de não poder encontrar B.
- A e B não se verão pelo menos por um dia.
- A situação se passa numa cidade que tem rodízio de automóveis.
- A e B estudam de manhã.

Agora, vamos fazer um exercício para maior fixação.



Leia o poema abaixo e assinale a alternativa correta:

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!
In: Livro de Mágoas, Florbela Espanca

Sobre o texto é correto afirmar que:

- I. O poema demonstra como a poeta vê a si própria, uma pessoa sonhadora e que, por isso, passa por uma série de sofrimentos.
- II. Percebe-se pelo poema que a poeta é uma sempre triste e isso é percebido por todos.
- III. A poeta, apesar de todos os sofrimentos, sente que tem lugar no mundo, pois suas palavras são compreendidas.
- IV. É possível afirmar pela estrutura do texto que este poema é um soneto de rimas ABBA ABBA CDC EDE.

- a) I e II
- b) I e III
- c) II e III
- d) I e IV
- e) II e IV

Comentário:

I é correta, pois o poema relata as experiências da poeta que, se entendendo como uma pessoa sonhadora, não consegue se encaixar no mundo e, por isso, sofre.

II é incorreta, pois na terceira estrofe há a revelação que ela parece triste, o que não significa necessariamente ser.



III é incorreta, pois na segunda estrofe há o verso “alma de luto sempre incompreendida”, revelando que a poeta na verdade não sente que encontrou compreensão no mundo.

IV é correta, pois a estrutura do soneto é de duas estrofes de 4 versos e duas de 3 versos; além disso, a distribuição das rimas está correta

Gabarito: D

3.2 – Denotação X Conotação

Um texto **denotativo** é aquele em que as palavras significam exatamente aquilo que são, ou seja, não há interpretação de outros possíveis significados.

Já um **texto conotativo** usa palavras com significados diferentes daquilo que costumam ter, abrindo margem a interpretações.

Textos de teor informativo e didático devem tentar ao máximo valorizar o aspecto denotativo. Isto é essencial para que não haja ruídos nas mensagens e o receptor possa compreender o conteúdo com a maior clareza possível. Um texto denotativo deve evitar ambiguidades.

Exemplos de texto denotativo:

Reportagem

Pelo menos dez Estados no Meio-Oeste dos EUA estavam nesta terça-feira em alerta pela aproximação de uma massa de ar do Ártico conhecida como vórtice polar, que deve reduzir as temperaturas bem abaixo de zero, chegando a -40 graus centígrados. Segundo o Serviço Meteorológico Nacional (NWS), o vórtice polar é uma “grande área de baixa pressão e ar frio que envolve os polos da Terra”.

Fragmento retirado de El País, 30/01/19

Texto didático

Rachel de Queiróz (Fortaleza, Ceará, 1910 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003). Romancista, cronista, contista e dramaturga. As raízes literárias da autora estão na própria origem familiar. Descende de José de Alencar (1829-1877), por parte materna, Rachel de Queiróz pertence à família tradicional de Quixadá (Ceará), embora ela tenha nascido, na cidade de Fortaleza.

Fragmento retirado de Enciclopédia Itaú Cultural, 17/11/17

A linguagem denotativa também é comum em **manuals de instrução, textos jurídicos, receitas médicas** e outros.

Um texto conotativo é mais carregado de subjetividade, podendo brincar com as palavras. Em textos literários é muito comum que os aspectos conotativos sejam mais presentes. Quadrinhos, charges e outras peças de efeito humorístico também tendem a trabalhar nesta chave, pois muitas vezes a graça da piada está justamente no duplo sentido. Nestes casos, utilizam-se muitas palavras polissêmicas e jogos de palavras.

Exemplos de texto conotativo:

Poesia

Ismália - Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

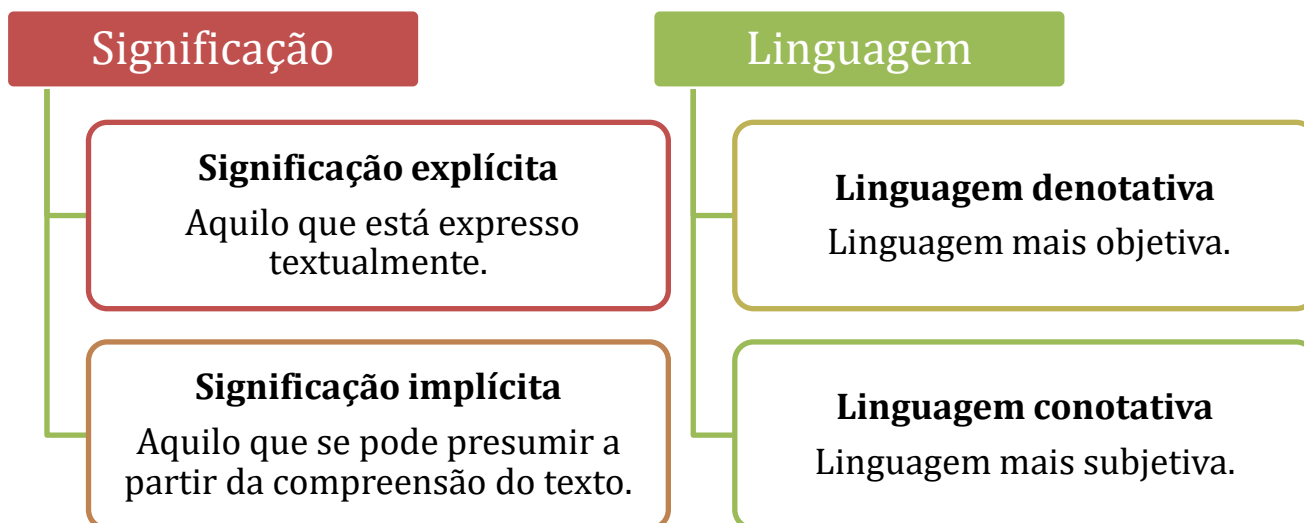
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Humor (piadas e anedotas)

- Vovô! Bate um pé no outro?
- Por que, meu filho?
- Porque a mamãe falou que quando o senhor bater as botas, nós vamos ficar ricos!





4 – Variação Linguística

A **língua portuguesa**, ou o **português**, é uma só. Ainda que haja diferenças entre o modo como ela é falada e escrita, entende-se que todos os falantes de português compartilham de uma só língua. Tanto é assim, que há um acordo ortográfico compartilhado pela maioria dos países falantes de nossa língua. Oficialmente, sete países têm o português como sua língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Apesar disso, é bastante comum se encontrar expressões como “português brasileiro”, “português europeu” e “português africano”. Essas denominações, porém, tem mais a ver com a fala do que com o modo de escrita em si. A essas diferenças, se dá o nome de **Variedades do Português**.

Não é, porém, apenas entre os países falantes de português que há diferenças. Dentro do próprio Brasil, há muitos modos de falar e articular uma mesma língua. Esses modos podem variar de acordo com **localidade geográfica, posição social, escolaridade, condição cultural e psicológica, entre outros**.

Há, segundo Rocha Lima (2011), alguns traços que se pode perceber entre os diferentes grupos falantes:

| Gíria | Línguas profissionais | Calão |
|---|--|--|
| Linguajar específico de um grupo, com vocabulário próprio. Além da criação de palavras novas, o conceito também envolve também a ressignificação de termos e palavras já existentes, a modificação pela abreviação ou pelo aumentativo, entre outros. | Assim como as gírias, estão ligadas a grupos sociais pertencentes a uma mesma profissão ou a profissões semelhantes. Médicos e demais profissionais da saúde possuem um linguajar específico, que se diferencia do linguajar dos arquitetos, por exemplo. Também são chamadas de jargão por alguns autores. | Ligadas a pessoas à margem da sociedade, são expressões criadas especificamente para dificultar a comunicação e o entendimento entre aqueles que não fazem parte do mesmo círculo. Termo também associado a expressões vulgares ou chulas, como palavrões e xingamentos. |

Aos aspectos regionais que modificam o falar do português, se denominam **Dialetos**. No Brasil hoje, entende-se que há dois grandes grupos dialetais distintos: o Norte e o Sul, cada um com suas características específicas. Estas diferenças são ligadas ao espaço geográfico, aos grupos antecedentes, à comunicação com outros grupos sociais/regionais, entre outros. As expressões típicas dos falantes de cada grupo, de **regionalismos**.

Uma língua pode também sofrer modificações ligadas ao **tempo**. Modos de escrita de palavras que caem em desuso e palavras que deixam de ser utilizadas ou são modificadas são dois bons exemplos disso. Há, porém, outra possível modificação ligada ao tempo: a diferença de uso da língua entre pessoas de **faixas etárias diferentes**.

Porém, para a muitos dos vestibulares, um dos grandes interesses na questão está na dualidade **Norma culta X Linguagem popular**.

ATENÇÃO!

O preconceito contra alguém por conta do seu modo de falar é conhecido como preconceito linguístico. Esse é um assunto que tem sido bastante abordado pelos vestibulares. Quando essa expressão aparecer em algum texto, saiba identificá-la!



Norma culta

- Também chamada de **linguagem formal** ou **norma** padrão, a norma culta segue aos padrões linguísticos e gramaticais.
- Tende a ser utilizada por pessoas com alto grau de cultura e/ou escolaridade.
- É preferível o uso da norma culta na escrita em diversas situações – principalmente em textos informativos ou educativos – pois esta garante maior compreensão do conteúdo.
- Ainda que haja variações linguísticas, a escrita tende a variar menos. Um texto escrito com maior respeito às normas gramaticais é mais facilmente assimilado.

Linguagem popular

- Também chamada de **linguagem informal**.
- Uma fala coloquial permite maior flexibilidade nas regras gramaticais e nos padrões linguísticos, podendo mesmo apresentar alguns vícios de linguagem. Ela tende a sofrer mais modificações, sejam elas sociais, regionais ou situacionais.
- Em contextos de menos rigor, como ambientes familiares ou em grupos de amigos, costuma ser mais utilizada.
- Tem também muita relação com a oralidade, ou seja, se relaciona mais com o modo como as palavras são *faladas* do que *escritas*, já que seu foco é no conteúdo e nos efeitos da mensagem. Muitas vezes, um linguajar coloquial pode ser um recurso poético na literatura.

Vamos ver alguns exemplos na literatura de usos poéticos da variação linguística:

Variação histórica

“Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficava longos meses debaixo do balaio. E levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era de tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa.

Fragmento de Antigamente, de Carlos Drummond de Andrade

Variação regional

“Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos-réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal!...”

Fragmento de Noturno de Belo Horizonte, de Mário de Andrade



Variação situacional



Figura 1 - Quadrinho do de Fernando Gonsales. Fonte: Mundo Letras

Variação social

“Pisou na bola,
Conversa fiada malandragem.
Mala sem alça é o couro,
Tá de sacanagem.

Tá trincado é aquilo,
Se toca vacilão.
Tá de bom tamanho,
Otário fanfarrão.”

Fragmento de *A gíria é a cultura do povo*, de Bezerra da Silva



Pode-se dividir as variações linguísticas em 4 grandes grupos:



Histórica: diferenças ligadas ao tempo, tanto da própria língua quanto da idade dos falantes.



Regional: diferenças entre grupos oriundos ou habitantes de locais distintos – desde bairros até países.



Situacional: diferenças de modos de falar e escrever dependendo da situação em que a pessoa se encontra.



Social: diferenças entre grupos sociais de diversas naturezas.

5 – Tipos de Discurso

Em se tratando do tipo dramático ou narrativo da escrita, há três possíveis modos de **redação da fala**: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Vamos nos dedicar com maior detalhamento a cada um deles.

5.1 – Discurso direto

Segundo Rocha Lima (2011), o discurso direto ocorre quando “o escritor apresenta a personagem e deixa-a expressar-se, reproduzindo-lhe textualmente as palavras” (p. 592).

Identificar um discurso direto é simples: ele costuma ser expresso por um travessão antes da fala ou pelo emprego de aspas.

Exemplos:

Travessão

Ela escondeu a cabeça nas mãos e soluçou.

— É impossível, eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

— Eleonora, ouve-me, deixo-te só, velarei, contudo, sobre ti daquela porta.

(In: Noite na Taverna, Álvares de Azevedo)

Aspas

Idealizada a princípio com propósito histórico, a exposição de Claudia Andujar ganhou uma dimensão urgente com a definição da nova política, segundo o curador Thyago Nogueira.

“Agora, mais do que simples homenagem, gostaria que a exposição mobilizasse as pessoas a se aproximarem da questão, a entenderem melhor do que estamos falando, de quem são os povos indígenas e o que podemos fazer para defendê-los”, disse.

(In: Nexo Jornal, 02/01/19)



DICA!

As aspas costumam ser utilizadas em textos jornalísticos, principalmente para incluir no meio da reportagem trechos na íntegra de uma entrevista ou declaração.

Já o travessão é bastante comum em textos literários, tanto em prosa quanto em poesia.

A fala em discurso direto também costuma ser precedida dos chamados *verbos dicendi*: **verbos que denotam ações ligadas à fala**, como “perguntar”, “dizer”, “exclamar”, “responder”, entre outros. Estes verbos também podem aparecer ao fim das falas ou até mesmo no meio delas – nestes casos, frequentemente divididas ou intercaladas por travessão.

Exemplos:

A cocote, logo que o viu aproximar-se, **disse** baixinho à menina:

— Não é preciso que ele saiba que vais lá domingo, ouviste?

(In: O cortiço, Aluisio Azevedo)

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — **repetia** ele com os olhos no papel.

(In: A cartomante, Machado de Assis)

5.2 – Discurso Indireto

Já o discurso indireto é definido por Rocha Lima (2011) como aquele em que o autor encaixa no seu próprio discurso as palavras da personagem, propondo-se tão somente a transmitir-lhes o sentido intelectual e não a forma linguística que as caracteriza”.

Quaresma foi inflexível; **disse que não, que lhe** eram absolutamente antipáticas tais disputas, **que não tinha** partido e mesmo que tivesse não iria afirmar uma coisa que ele não sabia ainda se era mentira ou verdade.

(In: O triste fim de Policarbo Quaresma, Lima Barreto)

Assim como no discurso direto, há a presença dos *verbo dicendi*, porém aqui eles se encontram seguidos de conectivos de subordinação, ou seja, os verbos referentes a fala precedem orações independentes que expressam a fala da personagem

O padre Amaro baixou devagar os olhos — e trincando migalhas, **perguntou se havia** muitas doenças naquele Verão.

(In: O crime do padre Amaro, Eça de Queiroz)

Observe que se este período estivesse em discurso direto, a redação dos termos destacados seria:

O padre Amaro baixou devagar os olhos – e trincando migalhas perguntou:

- **Há** muitas doenças neste Verão?

Como é possível observar, **não é apenas no uso de aspas ou travessão que está a diferença entre o discurso direto e indireto**. Uma das principais diferenças na transposição é a **alteração do tempo verbal**.

Quadro resumo da mudança de tempos verbais:

| Discurso Direto | Discurso Indireto |
|--------------------|-----------------------------|
| Presente | Pretérito imperfeito |
| Pretérito perfeito | Pretérito mais que perfeito |
| Futuro do presente | Futuro do pretérito |

ATENÇÃO: Teremos uma aula para falar exclusivamente de verbos! Lá, falaremos melhor sobre os tempos e modos, assim você não terá problemas com essa transposição. Cheque o cronograma de aulas.

Exemplos:

Mudança de pretérito imperfeito (indireto) para presente (direto):

Discurso indireto

Rangel desceu os olhos ao baixo da página, viu a quadra correspondente ao número, e leu-a: dizia que sim, que **havia** uma pessoa, que ela **devia** procurar domingo, na igreja, quando **fosse** à missa.

(O diplomático, Machado de Assis)

Discurso direto

Rangel desceu os olhos ao baixo da página, via a quadra correspondente ao número, e leu-a:

“**Há** uma pessoa que você **deve** procurar domingo, na igreja, quando **for** à missa.”

Mudança de pretérito mais que perfeito (indireto) para (pretérito perfeito (direto):

Discurso indireto

Lendo essa carta, Lourenço Camargo afigurou-se receber as últimas palavras do filho; e lembrou-se quanto **fora** injusto duvidando da realidade desse casamento de que ali tinha a prova irrecusável.

(Senhora, José de Alencar)

Discurso direto

Lendo essa carta, Lourenço Camargo afigurou-se receber as últimas palavras do filho; e lembrou-se: “Quão injusto eu **fui** injusto duvidando da realidade desse casamento de que aqui tenho a prova irrecusável”.

Mudança de futuro do pretérito (indireto), para futuro do presente (direto).

Discurso indireto

Um dia, em que a afilhada fora visitar a madrinha, esta lhe disse que a **iria** em breve buscar para sua casa.

(In: *A mão e a luva*, Machado de Assis)

Discurso direto

Um dia, em que a afilhada fora visitar a madrinha, esta lhe disse:

- Em breve **vou** lhe buscar para minha casa



Além da mudança verbal, outras mudanças importantes a lembrar são:

| Discurso Direto | ↔ | Discurso Indireto |
|---|---|---|
| Enunciado em 1ª ou 2ª pessoa | | Enunciado em 3ª pessoa |
| Verbo no imperativo | | Verbo no subjuntivo |
| Pronome demonstrativo este (a), estes (as) e esse (a), esses (as) | | Pronome demonstrativo aquele (a) e aqueles (as) |
| Advérbio de lugar aqui | | Advérbio de lugar ali |

5.3 – Discurso indireto livre

Esta modalidade é mais difícil de ser identificada. Ela consiste numa mistura dos dois modos anteriores, mas com algumas características:

- O estilo de escrita é indireto;
- Não há necessariamente a ocorrência de *verbo discendi*;
- Não há conectivos indicando subordinação, ou seja, é uma construção em dois ou mais períodos;
- O segundo – ou posterior – período é onde se encontra o pensamento da personagem.

Vamos tentar deixar mais claro com alguns exemplos:



Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio: Não pudera — escrevia ele — estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira!

(In: Primo Basílio, Eça de Queiroz)

Aqui, vê-se que o **segundo período**, “Mal dormira!”, representa exatamente a fala da personagem, apenas com alteração temporal para manter o aspecto direto.

Se estivesse em discurso indireto, seria:

Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio. Ele havia escrito que não podia estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Que mal dormira.

Aqui, na construção do discurso indireto, vê-se a presença do conectivo *que*, indicando subordinação entre as orações. No discurso indireto livre, não há a necessidade desse conectivo.

Veja aqui outro exemplo de transposição do mesmo período para todos os tipos de discurso:

Discurso indireto livre

“Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal
Meu Deus, mas que cidade linda,
No Ano Novo eu começo a trabalhar”

(In: *Faroeste Caboclo, Legião Urbana*)

Discurso direto

Ele ficou bestificado com a cidade. Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal e disse:
- Meu Deus, mas que cidade linda! No Ano Novo eu começo a trabalhar.

Discurso indireto

Ele ficou bestificado com a cidade. Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal e disse que a cidade era linda e que no Ano Novo começaria a trabalhar.

Discurso direto

Enunciado majoritariamente em 1ª e 2ª pessoa, acompanhado de travessão, aspas e interrogação.

Discurso indireto

Enunciado majoritariamente em 3ª pessoa, com interrogação indireta e descrição da fala (que não vem expressa textualmente).

Discurso indireto livre

Duas orações independentes, sendo que a primeira tende a expressar a fala do narrador/emissor e a segunda a do interlocutor. Reproduz indiretamente as falas das personagens.

6 – Funções da linguagem

Falar sobre funções da linguagem é falar sobre comunicação.

Quando se pretende passar alguma mensagem – independente do veículo escolhido para tal – há uma série de elementos que são acionados. É preciso, no mínimo, alguém com a intenção de comunicar, alguém com a intenção de ouvir e algo a ser dito.

É preciso também, escolher qual o veículo e modo de elaborar a mensagem para fazer essa informação chegar ao ouvinte. No caso do texto, essa estrutura se mantém.

Esses são, essencialmente, os partícipes de um processo comunicacional:

- **Mensagem:** o conteúdo a ser passado.
- **Emissor:** aquele que diz a mensagem.
- **Receptor:** aquele a quem se destina a mensagem.
- **Código:** o modo pelo qual se transmite a mensagem (fala, escrita, sinais, idioma etc.).
- **Canal:** o veículo – físico ou virtual – que transmite a mensagem.
- **Referente:** o contexto, ou seja, a situação em que a mensagem se encontra no mundo.

As funções da linguagem textual são divididas em seis possibilidades, cada uma focando em um partícipe da comunicação: função **poética** (mensagem), função **emotiva** (emissor), função **conativa** (receptor), função **metalinguística** (código), função **fática** (canal) e função **referencial** (referente).

6.1 – Função Poética

Esta função se foca na **mensagem**.

O importante nessa função é **modo** como se elabora o conteúdo, ou seja, a **forma do texto importa tanto quanto seu conteúdo**. É bastante comum na literatura, principalmente na lírica, mas não só: a função poética também se encontra muitas vezes, por exemplo, na publicidade. Se caracteriza pelo uso constante da linguagem figurada.

Prosa

“Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá

ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.”

(Fragmento de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis)

Provérbios e ditos populares

“Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura.”

“Caiu na rede, é peixe.”

“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”

“Quem canta seus males espanta.”

“Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.”

6.2 – Função emotiva

O foco desta função está no **emissor**.

Principal aqui é **traduzir os pensamentos, sensações e pontos de vista daquele que está transmitindo a mensagem**. Utiliza, portanto, uma linguagem mais subjetiva. É comum contar com sinais de pontuação como exclamação e reticências, interjeições, fluxos de pensamento, entre outras marcas textuais que representem o sentimento. Pode aparecer em textos literários, editoriais e artigos de opinião, cartas ou mensagens, diários, entre outros.

Literatura

Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração... É preciso ritos.

(Fragmento de *O pequeno príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry)

Mensagens

“Oi Ana! Estou morrendo de saudade de você! Que dia você chega? Tenho tanto pra te contar...”

6.3 - Função conativa

Esta função é também comumente referida como **apelativa** e se centra no **receptor**.

O principal objetivo de um texto assim é **convencer alguém de algo**. Pode aparecer em publicidade e campanhas políticas principalmente. Os textos apelativos são majoritariamente em primeira ou segunda pessoa – singular e plural – e utiliza verbos no imperativo.

Publicidade

C&A - Abuse, use C&A

Doril - Tomou Doril, a dor sumiu

Leite Moça - Você faz maravilhas com Leite Moça

Neosaldina - Chama a Neusa.
Red Bull- Red Bull te dá asas
Sandálias Havaianas- Todo mundo usa.

Campanha política

Slogans:

- Mude! (Ciro Gomes)
- Chama o Meirelles (Henrique Meirelles)
- Pior do que tá não fica. Vote Tiririca! (Tiririca)

6.4. Função metalinguística

A função metalinguística se foca no próprio **código**.

Ela caracteriza **textos que falam sobre o próprio texto ou sobre o ato da escrita**. Além de poemas e artigos que falem sobre este ofício, há também os livros didáticos voltados para o estudo da língua, como gramáticas e dicionários.

Literatura

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(Fernando Pessoa)

Livros didáticos

di·ci·o·ná·ri·o

1 [LING] Coleção, parcial ou completa, das unidades lexicais de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.), em geral dispostos em ordem alfabética, com ou sem significação equivalente, assim como sinônimos, antônimos, classe gramatical, etimologia etc., na mesma ou em outra língua.

2. [FIG] Repositório de informações de ordem cultural, social, política etc.

(Dicionário Michaelis adaptado)



6.5. Função fática

O centro da função fática é o **canal**, ou seja, a preocupação é com o veículo de transmissão.

O importante aqui não é o que nem como se fala, mas sim **estabelecer contato**. É comum aparecer em situações de teste de funcionamento do veículo, cumprimentos e saudações em geral. Expressões como “alô” ao telefone são um ótimo exemplo de função fática.

Teste do Canal



Figura 2 – Tirinha de Bill Watterson. Fonte: Site Escola Kids

Literatura

- Olá! Como vai?
- Eu vou indo. E você, tudo bem?
- Tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?
- Tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?

(Fragmento de *Sinal fechado*, de Paulinho da Viola)

6.6 – Função Referencial

A função referencial se foca no **referente**, ou seja, situar no contexto do processo comunicacional.

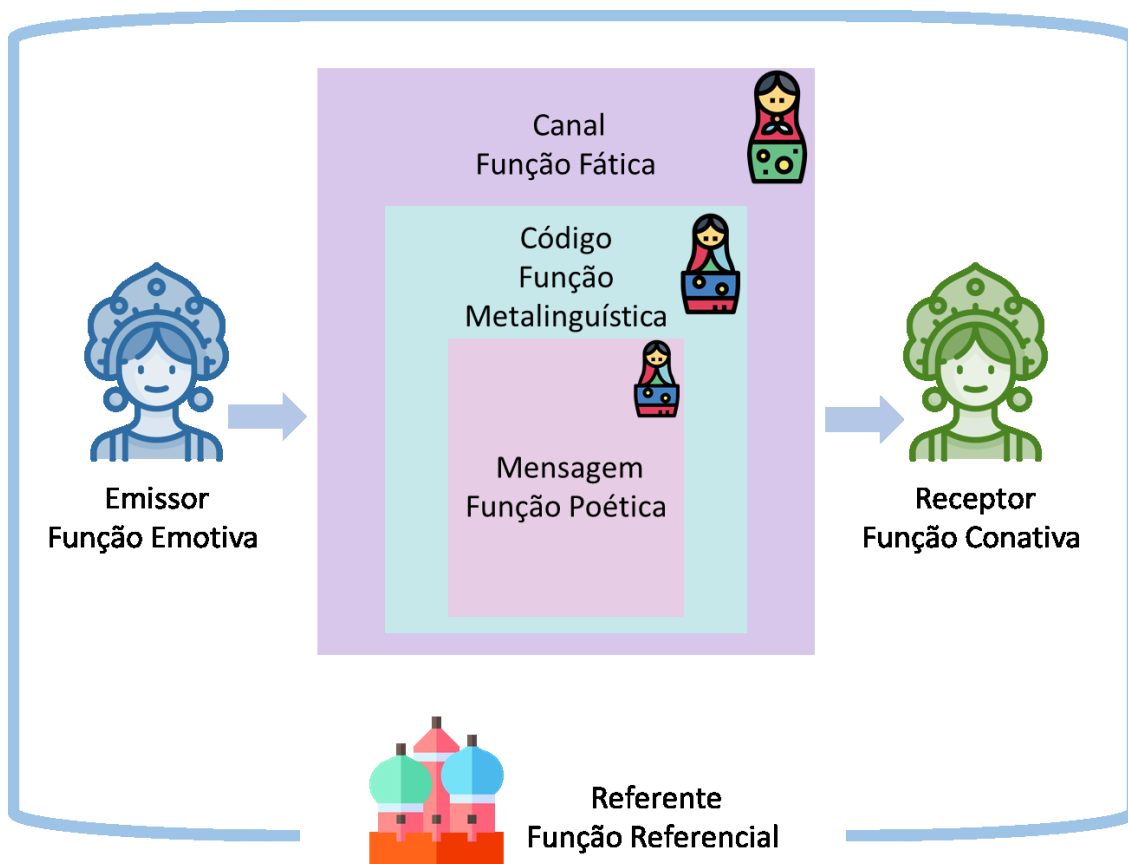
O objetivo aqui, portanto, é apenas **informar os dados sem opinar sobre eles**. Aparece no texto jornalístico, no manuais, listas, bulas etc. Diferente da função conativa, não há o uso do imperativo. O objetivo não é convencer, mas sim informar.

Jornalismo

“O número de trabalhadores sem carteira assinada cresceu 3,8% (mais 427 mil pessoas) no 4º trimestre de 2018, frente ao ano anterior, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada nesta quinta-feira (31). Por outro lado, a quantidade de pessoas que trabalham com registro caiu 1% na comparação anual.”

Fragmento de G1 – Economia, 31/01/19

RESUMINDO:



Ícones por Freepik. Disponível em: < www.flaticon.com >

7 – Questões

Aqui você encontra questões sobre todo o conteúdo teórico apresentado até então! Você vai perceber que há poucas questões do ITA. Isso porque esse assunto **não caiu muito no IME nos últimos 10 anos.**

Você deve sabê-lo bem para sua prova de redação, por isso, é importante praticar agora.

Pense em sua preparação como um todo: aquilo que não cai necessariamente nas questões de múltipla escolha pode ser fundamental para interpretar ou produzir um texto!

Vamos lá?

7.1 – Lista de Questões

1. (IME – 2019)

Leia os textos a seguir para responder às questões 1. e 2.:



Texto 1

BECOS DE GOIÁS

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,

jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos

sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce

na frincha de teus muros empenados,

e a plantinha desvalida, de caule mole

que se defende, viceja e floresce

no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha

que passam pelos becos antigos.

Burrinhos dos morros,

secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,

no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho,

pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura

todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,

discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.

Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.

Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.

Bequinho da Escola.

Beco do Ouro Fino.

Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.

Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,

dos becos da minha terra,

suspeitos... mal afamados

onde família de conceito não passava.

“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d'água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de
varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza –
dava em cima...

Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de
Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande
coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso -
no aprazível São Miguel.

Cai o pano.
(CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de
Goiás e Estórias Mais. 21ª ed. - São Paulo:
Global Editora, 2006)



Texto 2

O ELEFANTE

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.

E o encho de algodão,
de paina, de doçura.

A cola vai fixar
suas orelhas pensas.

A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.

Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.

E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado

que já não crê em bichos
e duvida das coisas.

Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,



o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas

(ANDRADE, Carlos Drummond de. O Elefante. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983)

à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

O texto 1 se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.

b) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.

- c) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.
- d) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.
- e) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

2. (IME – 2019)

Sobre os textos 1 e 2, analise as afirmações abaixo:

- I. descrevem um exterior cuja aparência pode ser vista como deselegante, guardando, porém, tanto os becos quanto o elefante, um interior rico em poesia e vida.
- II. revelam uma construção erudita, rígida e intelectualizada de uma narrativa poética cuja forma apresenta estrofes regulares e longas, intercaladas por estribilho.
- III. há uma relação estreita entre prosa e poesia revelada no encadeamento que oscila entre a descrição e a narração.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

3. (IME 2009 adaptado)

Leia o texto e responda à questão

Rio: uma cidade plural já em 1808

As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia.

SANDRA MOREYRA

Jornal O Globo- 28/11/2007

(adaptado)

Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas da África e da Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de

acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era muçulmano, quem vinha da nobreza africana.

Nesta cidade, que já era plural, mas que não tinha infra-estrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil.

O vice-rei começou a fazer os preparativos e saiu desalojando os maiores comerciantes locais de suas casas, para cedê-las aos novos moradores. Eram pintadas nas portas das casas requisitadas para a Corte as iniciais “PR”, de Príncipe Regente, que viraram “prédio roubado” ou “ponha-se na rua”. Era o jeito que herdamos do sangue lusitano de rir de nossas próprias mazelas.

Quando as naus com a família real chegaram por aqui, em março de 1808, já haviam passado pela Bahia e permanecido por um mês em Salvador.

Aqui a festa foi imensa e o relato mais divertido e detalhado é o do Padre Luis Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca. O padre que vivia no Brasil era um admirador incondicional da monarquia, dos ritos da corte, da etiqueta. Quando descobre que a Corte está chegando, fica assanhadíssimo porque vai ver de perto “Sua Alteza Real D. João Nosso Senhor”, como chamava o regente.

É ele quem conta que a chegada dos Bragança por aqui foi acompanhada de luzes, fogos de artifício, badalar de sinos, aplausos e cânticos. Perereca diz que parecia que o sol não havia se posto, tamanha a quantidade de tochas e velas que iluminavam as casas, o largo do Paço e as ruas do centro.

O Rio tinha 46 ruas naquela época. D João se dirigiu à Sé – provisoriamente instalada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, porque a Igreja do Carmo, a Sé oficial, estava em obras. Houve uma determinação de que os homens pretos e também os mestiços não deveriam comparecer à cerimônia, na Igreja deles, porque o Príncipe poderia ficar assustado com a quantidade de negros na cidade. Eles se esconderam numa esquina e quando o cortejo chegou à Igreja, entraram batucando e cantando e todos se misturaram. Assim era o Rio. Assim era o Brasil.

Sobre o texto “Rio: uma cidade plural já em 1808”, podemos afirmar que é uma:

- a) descrição da paisagem natural da cidade do Rio na época da chegada da família real portuguesa.
- b) narrativa sobre hábitos e convivências dos habitantes do Rio no ano de 1808.
- c) narrativa sobre o relacionamento dos cariocas na época da chegada da família real no Brasil.
- d) narrativa sobre o “Padre Perereca”. É dele o relato de todo o texto, como podemos comprovar na linha 25.
- e) abordagem sobre a desordem urbana encontrada na época, tal como a falta de limpeza das vias públicas do Rio de Janeiro.

4. (IME – 2009 adaptado)

Leia o texto para responder à questão:

Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravidão no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dá origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em: www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.

Observe o texto e o que se considera sobre ele.

I. Possui caráter informativo, mantendo a objetividade.

II. O emprego dos tempos verbais contribui para valorizar o aspecto descritivo do texto.



- III. Apresenta frequentes expressões que indicam mudança temporal.
- IV. Aponta o fluxo migratório entre Brasil e Japão em ambos os sentidos.
- V. Faz referência a dificuldades enfrentadas pelos japoneses em sua terra natal.

As alternativas corretas são apenas:

- A) I e V.
- B) I, III e IV.
- C) II e III.
- D) II, IV e V.
- E) IV e V.

5. (Mackenzie - 2019)

É importante notar que o esforço para a produção dos sentidos ocorre em virtude de os homens desejarem estabelecer cadeias comunicativas, seja para informar, convencer, emocionar, seja para explicar, determinar, aconselhar. Mas, para que isto acontecesse, foi necessária aos diversos grupos humanos a criação de códigos linguísticos próprios, acordos que conhecemos pelo nome de línguas e que expressam maneiras particulares de conceber os significados, as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo das palavras. Sem isto, as expressões linguísticas cairiam no vazio e as sentenças resultariam incompreensíveis. Imaginem como ficaria um alemão que não sabe português diante da frase “A lição está difícil”.

Em nosso caso, o **código comum** é a língua portuguesa: graças a ela produzimos, verbalmente, os efeitos de sentido. No entanto, não se deve considerar o código comum como uma referência padrão que se mantém inalterada. Ao contrário, a língua possui variabilidades, usos diferenciados conforme a situação cultural, econômica, etária, regional do usuário.

Adilson Citelli, O texto argumentativo

Assinale a alternativa correta sobre o texto e a presença de funções da linguagem.

- a) A função predominante no texto, em sua totalidade, é a função emotiva, já que há de modo destacado índices de subjetividade.
- b) O interesse em motivar respostas dos leitores diante do que é lido evidencia que a função conativa é a predominante no texto.
- c) Uma elaboração estética da linguagem (como o uso de rimas e de figuras de linguagem) é destacada no texto, o que evidencia o emprego da função poética.
- d) A construção textual se organiza em torno da transmissão de um conteúdo específico sobre assunto delimitado, com destaque para a função referencial.
- e) A presença de perguntas retóricas e de trechos que têm por objetivo principal chamar a atenção do leitor auxilia na manifestação da função fática no texto.



6. (IFMT - 2019) adaptada

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.



(Manuel Bandeira. Disponível em:

<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>)

O texto “O Bicho” é um poema. Nesse gênero, as palavras são usadas no sentido diferente do que lhes é atribuído no dia-a-dia, pois a característica predominante da linguagem é a:

- a) Denotação.
- b) Conotação.
- c) Estilística.
- d) Objetivação.
- e) Referencialidade.

7. (UNESP - 2019)

Leia o trecho do romance S. Bernardo, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considereei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza.” (7º parágrafo)
- b) “Naturalmente deixei de dormir em rede.” (4º parágrafo)
- c) “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus.” (6º parágrafo)
- d) “E os negócios desdobraram-se automaticamente.” (7º parágrafo)
- e) “Julgo que não preciso descrevê-la.” (4º parágrafo)

8. (PUC RS - 2019)

E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. [...]

Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugerir então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caetano e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caetano. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão [...].

Fragmento adaptado de: Fernando Pessoa,
Correspondência (1923-1935).

As funções da linguagem estão presentes em todo texto que produzimos. No texto, predomina a função

- a) metalinguística.
- b) referencial.
- c) conativa.
- d) fática.

9. (UECE - 2019)

Comida - Titãs

- | | | | |
|----|--|-----|--|
| 84 | Bebida é água | 104 | A gente não quer só dinheiro |
| 85 | Comida é pasto | 105 | A gente quer dinheiro e felicidade |
| 86 | Você tem sede de quê? | 106 | A gente não quer só dinheiro |
| 87 | Você tem fome de quê? | 107 | A gente quer inteiro e não pela metade |
| 88 | A gente não quer só comida | 108 | Diversão e arte |
| 89 | A gente quer comida, diversão e arte | 109 | para qualquer parte |
| 90 | A gente não quer só comida | 110 | diversão, balé |
| 91 | A gente quer saída para qualquer parte | 111 | como a vida quer... |
| 92 | A gente não quer só comida | 112 | Desejo, necessidade, vontade |
| 93 | A gente quer bebida, diversão, balé | 113 | necessidade, desejo |
| 94 | A gente não quer só comida | 114 | necessidade, vontade |
| 95 | A gente quer a vida como a vida quer | 115 | necessidade! |
| 96 | Bebida é água | | |



97 Comida é pasto

98 Você tem sede de quê?

99 Você tem fome de quê?

100 A gente não quer só comer

101 A gente quer comer e quer fazer amor

102 A gente não quer só comer

103 A gente quer prazer pra aliviar a dor

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

A respeito do uso das funções da linguagem na canção, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A função referencial predomina do começo ao fim da canção, pois a intenção principal do texto é informar ao leitor sobre um fato, qual seja: o homem tem necessidades estéticas que precisam ser satisfeitas, além de necessidades físicas.
- b) Em razão de o enunciador procurar comover e emocionar o seu interlocutor, apresentando-lhe as injustiças sociais sofridas por não se ter os anseios atendidos, a função emotiva se destaca fortemente na canção.
- c) A função poética não tem destaque na canção, porque o enunciador investe pouco na construção estética da mensagem a ser veiculada.
- d) A função fática está presente no texto em enunciados como “Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? (Refs. 86-87; 98-99), em que o enunciador procura simular uma conversa com o leitor.

10. (IFBA - 2019)

MARIA

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia



descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro.

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...*

Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d' água*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014, p.39-42.

No conto “Maria”, é predominante:

- a) a tipologia textual injuntiva.
- b) a tipologia textual narrativa.
- c) a tipologia textual expositiva.
- d) a tipologia textual descritiva.
- e) a tipologia textual dissertativa.

11. (UFGD - 2019)

Um diário digital é uma ferramenta que permite participação em uma situação comunicativa perfazendo-se de uma interação demarcada entre o eu e a sua subjetividade. Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabafos. A partir do uso contínuo de um diário digital, podem ser extraídos alguns benefícios muito úteis pelos seus usuários, como, por exemplo, a obtenção de clareza nos pensamentos e nas ideias; a definição de metas e a manutenção do foco em atingi-las; auxílio no processo de abstração, sonhar e ser criativo, uma vez que se está escrevendo para si mesmo. De acordo com isso, a respeito de um diário digital, afirma-se corretamente que

- a) a linguagem, nesse gênero, costuma seguir um padrão rígido, podendo ser expressa apenas por meio da formalidade.
- b) possui uma estrutura bem definida em que o emprego dos tempos verbais deve permanecer no presente.
- c) a estrutura textual possui pronomes pessoais expressos em primeira e terceira pessoas do singular e do plural.
- d) pode ser interpretado como um importante e valioso documento histórico, podendo conter o registro de fatos marcantes.



e) representa um documento que pode ser compartilhado tanto pelo dono quanto por outros usuários, que fazem parte do círculo de amizades, permitindo dessa forma uma edição coletiva.

12. (FUVEST - 2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

*ensarilhar-se: emaranhar-se.

**rezinga: resmungo.

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- a) “mas um só ruído compacto” (L. 2).
- b) “ouviam-se gargalhadas” (L. 3).
- c) “o prazer animal de existir” (L. 5-6).
- d) “gritou ela para baixo” (L. 10).
- e) “bata na porta” (L. 11).

13. (ENEM – 2018)

Reclame

se o mundo não vai bem

a seus olhos, use lentes

... ou transforme o mundo.

ótica olho vivo

agradece a preferência.

(CHACAL. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em: 14 ago. 2014)



Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- a) Extensão do texto.
- b) Emprego da injunção.
- c) Apresentação do título.
- d) Disposição das palavras.
- e) Pontuação dos períodos.

14. INSPER – 2018

Analise a tirinha abaixo:



Na tira, a presença do termo “Vossa Mercê” na fala do Vovô revela

- a) variedade de língua arcaica, para deixar claro à interlocutora a importância da diferença de idade.
- b) respeito excessivo dele ao dirigir-se à interlocutora, para contestar a ideia de que é antiquado.
- c) diferença de usos linguísticos entre as gerações, corroborando a avaliação da interlocutora sobre ele.

- d) intolerância da interlocutora com ele, cuja linguagem se mostra tão informal quanto a dela.
- e) opção por uma linguagem mais à vontade para agradar a interlocutora, que mostra ter princípios.

15. (URGS – 2018) adaptada

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra (l. 01-02).

- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b) Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.

16. (ENEM – 2018)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

— Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

(LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: A legião estrangeira. São Paulo: Ática, 1997)

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.



- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciativa sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

17. (UFPR – 2017)

Considere o trecho que vem na sequência da fala de Castanhari.

E outra coisa que você podia fazer é não apoiar pessoas de políticas do mal ou contra os refugiados da Síria. Porque no meio disso tudo tem pessoas ignorantes que dizem que os refugiados da Síria são todos terroristas. Porque no meio disso tudo, o que as pessoas precisam é de países dispostos a estender a mão para elas. Porque no meio de todo esse sofrimento, dessa guerra, de toda essa morte, a única esperança que um refugiado tem de ter uma vida normal está nas mãos de um país vizinho disposto a estender a mão pra essa pessoa. [...]

Assinale a alternativa que sintetiza o trecho em formato de discurso indireto.

- a) O youtuber propõe uma política internacional de defesa dos refugiados contra as ameaças de morte que eles encaram em países vizinhos, pois na maioria dos casos esses refugiados são considerados terroristas, e isso põe a comunidade internacional em estado de alerta contra ataques.
- b) Nós, brasileiros, podemos ajudar e lutar contra os políticos sírios que rotularam estrategicamente os refugiados como terroristas. A ajuda está em nossas mãos, pois além dos países vizinhos, os países de outros continentes são também responsáveis pelo acolhimento.
- c) Felipe Castanhari defende que os brasileiros podem colaborar. Apesar de haver pessoas que consideram os refugiados terroristas, eles precisam de ajuda, pois sua única esperança pode estar na solidariedade de outros países.
- d) Os usuários do YouTube concordam com Felipe Castanhari quanto à proposta de que eles precisam diferenciar os bons políticos – que defendem ajuda humanitária de qualquer país, inclusive os mais distantes – dos maus políticos, que consideram os refugiados terroristas.
- e) Os refugiados precisam de ajuda, pois não há condições de vida no país. Você e os usuários do YouTube fazem parte dos países que podem ajudar com amparo humanitário, desfazendo o equívoco internacional do juízo desses refugiados como terroristas.

18. (INSPER – 2017)

Às 15h de uma segunda-feira, o campinho de futebol sob o viaduto de Vila Esperança está lotado de jovens descalços disputando o clássico Dois Poste contra Santa Cruz.

Ninguém tem emprego. Xambito é um deles.



Xambito precisa pagar pensão para seu filho de três anos, mas não quer voltar para a “vida errada”, como diz.

“Essa vida errada aí, biqueira [ponto de vendas de drogas], tráfico, só tem dois caminhos: cadeia ou morte; não quero nenhum desses dois, quero ver meu filho crescer, botar ele pra jogar bola, pra estudar”, diz Xambito, que anda pela favela com uma caixinha de som tocando o sertanejo Felipe Araújo.

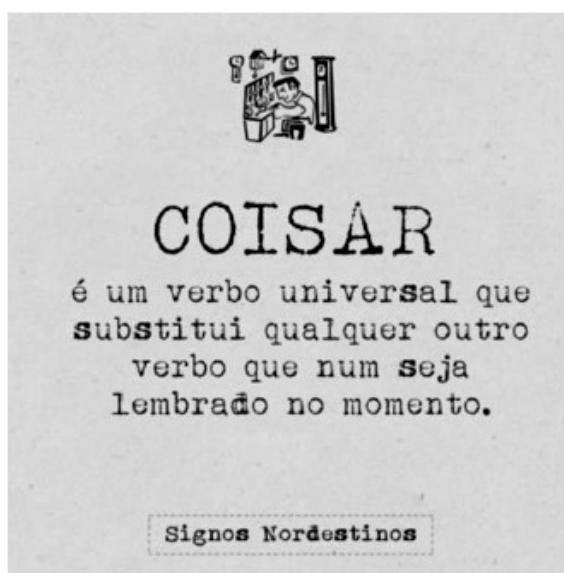
Ele está correndo atrás de um “serviço fichado” (registrado). Já foi várias vezes aos pátios das fábricas em Cubatão, mas diz que aparecem dez vagas para 500 pessoas. “Só com ajuda de Deus para ser chamado, é muita gente desempregada.”

(<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>)

No texto, a função da linguagem predominante é a

- a) apelativa, considerando-se a intenção de persuadir o público leitor, fazendo-o acreditar que muitas pessoas vivam sem renda.
- b) referencial, considerando-se a intenção de analisar e expor ao público leitor a condição de vida dos menos favorecidos.
- c) emotiva, considerando-se a ênfase nas condições de vida conturbadas das pessoas com o fim de comover o público leitor.
- d) emotiva, considerando-se a descrição de um contexto de vida particular para expor a questão das drogas na sociedade.
- e) referencial, considerando-se que expõe de forma pouco idealizada a rotina de jovens que preferem o futebol ao trabalho formal.

19. (UNICAMP - 2017)



(Disponível em <https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fref=ts>.
Acessado em 26/07/2016.)

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que “coisar” é

- a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo “coisa”.
- b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo “coisa” no verbo “coisar”.
- c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
- d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo “coisa” em verbo “coisar”, reiterando um esquecimento.

20. (UNICAMP - 2017)

No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores?”

Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog *Melhor Dizendo*. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)
- b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (Camacho, 1985, p. 4.)
- c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (Bagno, 2007, p. 161.)
- d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (Geraldini, 1996, p. 64.)

Os excertos são adaptados de textos dos autores referenciados abaixo:

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editorial, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p.1-7, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

21. (UNESP – 2017) adaptada

Observe o seguinte período retirado da crônica “Seu ‘Alfredo’”, de Vinicius de Moraes, publicada originalmente em setembro de 1953:

“[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?”

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

22. (UNIFESP – 2017)

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama:

“Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não

era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virum que cano**, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos antos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)



*arma virumque cano: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- a) “Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o ‘pois não’ melodioso de d. Anita, durante o dia.” (3o parágrafo)
- b) “E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.” (2o parágrafo)
- c) “Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância.” (3o parágrafo)
- d) “Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: ‘Desculpe, é engano’, ou ficava mudo, sem desligar.” (4o parágrafo)
- e) ““O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?”” (5o parágrafo)

23. (ENEM – 2016)

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest’ a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

(SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest’ a” contribui para

- a) marcar a classe social das personagens.
- b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.



e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

24. (UNESP – 2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?) para responder à questão.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha*. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

*doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“– Não sou um pássaro – alegou o morcego.” (3º parágrafo)

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.

25. (UNESP -2016)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando

estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.

26. (UERJ – 2015)

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

(Rosa Amanda Strausz, *Mínimo múltiplo comum: contos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990).

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

- a) injuntivo
- b) descritivo



- c) dramático
- d) argumentativo

27. (FGV – 2015)

À margem de Memórias de um sargento de milícias

É difícil associar à impressão deixada por essa obra divertida e leve a ideia de um destino trágico. Foi, entretanto, o que coube a Manuel Antônio de Almeida, nascido em 1831 e morto em 1861. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora: mais alguns dados, os poucos de que dispomos, apenas servem para carregar nas cores, para tornar a atmosfera do quadro mais deprimente. Que é que cabe num prazo tão curto?

Uma vida toda em movimento, uma série tumultuosa de lutas, malogros e reerguimentos, as reações de uma vontade forte contra os golpes da fatalidade, os heroicos esforços de ascensão de um self-made man esmagado pelas circunstâncias. Ignoramos quase totalmente seus começos de menino pobre, mas talvez seja possível reconstruí-los em parte pelas cenas tão vivas em que apresenta o garoto Leonardo lançado de chofre nas ruas pitorescas da indolente cidadezinha que era o Rio daquela época. Basta enumerar todas as profissões que o escritor exerceu em seguida para adivinhar o ambiente. Estudante na Escola de Belas-Artes e na Faculdade de Medicina, jornalista e tradutor, membro fundador da Sociedade das Belas-Artes, administrador da Tipografia Nacional, diretor da Academia Imperial da Ópera Nacional, Manuel Antônio provavelmente não se teria candidatado ainda a uma cadeira da Assembleia Provincial se suas ocupações sucessivas lhe garantissem uma renda proporcional ao brilho de seus títulos. Achava-se justamente a caminho da “sua” circunscrição, quando, depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto, deixando saudades a um reduzido círculo de amigos, um medíocre libreto de ópera e algumas traduções, do francês, de romances de cordel, aos pesquisadores de curiosidade, e as Memórias de um sargento de milícias ao seu país.

(Paulo Rónai, Encontros com o Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014)

No trecho “depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto”, o autor emprega a palavra “naufrágio” em dois sentidos diferentes. Esses dois tipos de sentido também podem ser identificados, respectivamente, nas seguintes palavras do texto:

- a) “malogros” e “reerguimentos”.
- b) “atmosfera” e “fatalidade”.
- c) “circunstâncias” e “cores”.
- d) “golpes” e “brilho”.
- e) “pesquisadores” e “curiosidade”.

28. (FUVEST - 2015)

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, “Dez livros para entender o Brasil”. Teoria e debate. Ed. 45, 01/07/2000.

Constitui recurso estilístico do texto

- I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) III.
- e) I e III.

29. (ENEM – 2015)

Assum preto

(Baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto



Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto

Mas num pode avuá

Mil vez a sina de uma gaiola

Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de Assum preto resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra, a:

- a) pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- b) pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- c) flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- d) redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.
- e) pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”.

30. (INSPER – 2015)

A cena cotidiana, que a maioria já vivenciou, sempre serviu como exemplo de conversa superficial. "Está quente hoje", comenta um. "Será que vai chover?", indaga o interlocutor desinteressado. Para uma fatia dos moradores da região metropolitana de São Paulo, contudo, a pergunta não é mais retórica. Revela, ao contrário, preocupação genuína com a situação do sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento hídrico de 8,8 milhões de pessoas. Por causa da estiagem incomum, tornaram-se frequentes, e não só nos elevadores, os diálogos sobre um possível racionamento em parte da capital e em municípios próximos. A Sabesp (companhia paulista de saneamento básico), por ora, descarta essa hipótese e assegura o suprimento até março de 2015.

(Folha de S. Paulo, 24 jul. 2014.)

O excerto acima evidencia os propósitos comunicativos dos falantes, a partir de escolhas linguísticas que exploram diferentes funções de linguagem. Dessa forma, de acordo com o texto, a preocupação com a seca fez com que os diálogos dos paulistanos acerca da previsão do tempo deixassem de cumprir unicamente o objetivo da função

- a) emotiva.
- b) apelativa.
- c) referencial.
- d) metalinguística.
- e) fática.



31. (INSPER – 2015)

Geopolítica do coração

Existem duas Copas paralelas: aquela em que o Brasil joga – e você sofre, grita, esperneia – e aquela em que as outras seleções jogam – e você pode se dar ao luxo de assistir tranquilamente do seu sofá, encantado com as belezas e surpresas do esporte bretão. O único problema dessa segunda modalidade de fruição desportiva é que nem sempre é fácil escolher o time para o qual torcer.

Tendo sido criado por um torcedor fiel do Linense, com moderadas convicções de esquerda, cresci acreditando que uma das graças do futebol é ver o mais fraco vencer. Chile e Espanha, portanto, foi bico: colonizados contra colonizadores, atuais campeões do mundo contra um time que jamais ganhou uma Copa. Até fui a um restaurante chileno, gritei "Chi-chi-chi-le-le" e fiquei com os olhos marejados na hora do hino.

Diante de Holanda e Austrália, porém, minha opção preferencial pelos pobres subiu no telhado. Como não querer ver a máquina que havia metido cinco na Espanha funcionando perfeitamente, de novo? Entre Robben e a retranca, ficaria com a retranca? Tive que me submeter a um rápido tour de force para aceitar meus pendores alaranjados: a Holanda é um país liberal, pensei, os caras esconderam a Anne Frank dos nazistas durante anos, que coisa linda é "A Noite Estrelada", do Van Gogh. Ótimo: mas aos 21 minutos do primeiro tempo, quando Cahill pegou na veia e mandou profundo da rede, abandonei imediatamente a laranja mecânica e abracei a esquadra amarela. Que Holanda, que nada! Eles liberam o consumo de maconha, mas não o plantio, incentivando o tráfico em outros países! Entregaram a Anne Frank pros nazistas! O Van Gogh morreu sem orelha e na miséria! Go, Aussies! (...)

(Antonio Prata. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/..._geopolitica-do-coracao.shtml. Acesso em 25.06.14.)

No terceiro parágrafo do texto, o modo como as reflexões são feitas pelo articulista – usando interrogações, exclamações e diversas marcas de oralidade – indica que, em relação às funções da linguagem, o texto

- recorre apenas à função fática, para que o leitor acompanhe o paradoxal raciocínio do autor do texto.
- faz perguntas retóricas, sobretudo para mostrar que o receptor da mensagem está sendo desconsiderado.
- valoriza a função referencial, uma vez que narra como foi o primeiro gol da Austrália contra a Holanda.
- utiliza a metalinguagem, na medida em que mostra a preocupação de explicar que Van Gogh é um pintor holandês.
- mistura as funções emotiva e conativa, chegando a se referir aos australianos como receptores da mensagem.

32. (ENEM – 2015)

Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)



Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas "América do Sul". A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

(XIMENES, M. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 1 ago. 2012.)

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

- a) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- b) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- c) questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- d) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- e) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

33. (FGV – 2014)

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde-amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?

– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, Fogo Morto)

A passagem do quarto parágrafo – Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. – é caracterizada por discurso



- a) direto, por meio do qual o narrador expressa a indignação do Capitão Vitorino e do Mestre José Amaro ao ataque à cidade do Pilar.
- b) indireto, por meio do qual a personagem Quinca Napoleão explica ao Capitão Vitorino o medo que reinou em Pilar durante o ataque.
- c) direto, por meio do qual a personagem Mestre Amaro manifesta sua indignação diante dos fatos que lhe são narrados.
- d) direto, no qual se insere trecho de discurso indireto em que Capitão Vitorino relata a seu interlocutor o que ouviu de outrem.
- e) indireto, que prepara a introdução do direto, para esclarecer que nem Capitão Vitorino nem José Medeiros presenciaram os fatos em Pilar.

34. UNESP – 2014 adaptada

O capitão tirou o relógio: faltava um quarto para as oito.

(Um lugar ao sol, Érico Veríssimo, 1978.)

Este período está escrito em discurso indireto livre. Assinale a alternativa em que a reformulação do período incorporou a segunda oração ao conjunto como discurso indireto.

- a) O capitão tirou o relógio e disse que faltava um quarto para as oito.
- b) O capitão tirou o relógio, para descobrir que faltava um quarto para as oito.
- c) O capitão tirou o relógio: – Falta um quarto para as oito.
- d) O capitão tirou o relógio, embora faltasse um quarto para as oito.
- e) O capitão tirou o relógio, porque faltava um quarto para as oito.

35. (ENEM – 2014)

Óia eu aqui de novo
Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo para xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar
Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita



Desse meu lugar

Vai, chama Maria, chama Luzia

Vai, chama Zabé, chama Raquel

Diz que eu tou aqui com alegria

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em: www.luizluagonzaga.mus.br. Acesso em: 5 maio 2013 (fragmento).)

A letra da canção de Antônio de Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma característica do falar popular regional é

- a) “Isso é um desaforo”
- b) “Diz que eu tou aqui com alegria”
- c) “Vou mostrar pr’esses cabras”
- d) “Vai, chama Maria, chama Luzia”
- e) “Vem cá morena linda, vestida de chita”

36. (INSPER – 2014)

TEXTO I

Barreira da língua

Cenário: um posto de saúde no interior do Maranhão.

– Buenos dias, señor, o que siente? – pergunta o médico.

– Tô com dor no bucho, comi uma tapioca reimosa, me deu um empachamento danado. Minha cabeça ficou pinicando, deu até um farnizim no juízo.

– Butcho? Tapiôka? Empatchamiento? Pinicón? Farnew zeen???

O trecho acima é de uma piada que circula no Hospital das Clínicas de São Paulo sobre as dificuldades de comunicação que os médicos estrangeiros deverão

enfrentar nos rincões do Brasil. (...)

(Cláudia Colucci, Folha de S. Paulo, 03 jul.2013.)

TEXTO II

No texto “Barreira da língua”, a jornalista Cláudia Collucci reproduz uma piada ouvida no Hospital das Clínicas, em São Paulo, para criticar a iniciativa do governo de abrir a possibilidade de que médicos estrangeiros venham a trabalhar no Brasil. Faltou dizer duas obviedades ululantes para qualquer brasileiro:

1) A maioria dos ilustres médicos que trabalham no Hospital das Clínicas teria tantas dificuldades quanto um estrangeiro para entender uma frase recheada de regionalismos completamente desconhecidos nas rodas das classes média e alta por onde circulam;

2) A quase totalidade deles não tem o menor interesse em mudar para uma comunidade carente, seja no interior do Maranhão, seja num vilarejo amazônico, e lá exercer sua profissão. (...)

(José Cláuver de Aguiar Júnior, “Painel do leitor”, Folha de S. Paulo, 04 jul. /2013.)

De acordo com o Texto II, os regionalismos usados na piada transcrita no Texto I

- a) demonstram variações geográficas e sociais do idioma.
- b) dificultam a comunicação apenas entre brasileiros e estrangeiros.
- c) indicam que o português é falado do mesmo modo em qualquer lugar.
- d) são imprecisos, pois são usados apenas em comunidades carentes.
- e) seriam de difícil compreensão para qualquer brasileiro.

37. (ENEM – 2014)

Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso. Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

(SABINO, Fernando. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984 (adaptado).)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que:

- a) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- b) a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações.
- c) o emprego de palavras com sentidos diferentes.
- d) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.



e) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

38. (ITA – 2013) adaptada

Escravos da tecnologia

¹Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo. Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

²Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up*, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

³Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

⁴Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o site do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar on-line. Call on OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, e-mail e telefone.

⁵Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no site, mas aí nem o site nem o OpenTable podiam modificar a reserva on-line, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

⁶No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários e-mails que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

⁷Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que ranking de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

⁸Não tenho tempo de ficar entrando em sites e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

⁹Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando

um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

¹⁰Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

¹¹O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio.

¹²As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores on-line.

(Marion Strecker. Folha de S. Paulo, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(*) Start-up: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

Assinale a opção em que no trecho selecionado NÃO se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- a) Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. (Parágrafo 2.)
- b) Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. (Parágrafo 3)
- c) Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. (Parágrafo 3)
- d) Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...]. (Parágrafo 10)
- e) Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes. (Parágrafo 11)

39. (FUVEST - 2012)

"Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais



prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação."

Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.

A partir da leitura do texto, podemos inferir que uma língua é:

- a) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- b) sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- c) conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- d) complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- e) conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

40. (FUVEST – 2012)

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

41. (UNIFESP – 2012) adaptado

O homem está "condenado" a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à "interpretação": tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

(Eni Orlandi. Fragmento de *As formas do silêncio*, 1997.)

No fragmento, empregam-se as aspas no termo "condenado" para

- a) atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.
- b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.
- c) marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.
- d) enfatizar-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.



e) destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

42. (FGV – 2012) adaptada

Lixo industrial na sua casa

A obsolescência programada dos produtos já ultrapassou todos os limites. Você compra uma geladeira, um fogão, uma máquina de lavar hoje e daqui a três ou quatro meses consulta a lista de assistência técnica. Chato, não?

Vem a assistência técnica autorizada, conserta (1), ou melhor, dá um jeito por um mês ou dois. E o produto quase novo, já reparado (2), está novamente estragado. Irritante, não?

Pois é, falamos, discutimos, escrevemos, lemos e vemos programas (3) e filmes sobre a proteção ao ambiente. Um tema relevante (4), empolgante (5), mas que se contrapõe à curta duração dos produtos.

Porque, bem, cá entre nós e que ninguém nos ouça, com produtos fabricados (6) para estragar e assistência técnica que faz gambiarras (7), sai mais em conta comprar um novo.

Chegamos, então, à triste situação de descartar, após um ano ou dois, equipamentos que antes duravam dez ou mais anos. Todos feitos com muito plástico, que deforma, enguiça, quebra e não dura.

A natureza, já tão ameaçada por nosso descaso e desrespeito milenares, sofre com montanhas (8) de baterias, carcaças de celulares, de máquinas de lavar e fontes de microcomputadores. Lixo, muito lixo, que decorre (9) da cupidez de quem fabrica porcaria (10) para vender novamente em prazo recorde.

(Maria Inês Dolci, Folha de S. Paulo, 31/05/2010. Adaptado.)

Destes pares de palavras, entendidos no contexto, o único em que ocorrem contrastes entre linguagem formal e informal e entre denotação e conotação é:

- a) “conserta” (ref. 1) / “decorre” (ref. 9).
- b) “reparado” (ref. 2) / “fabricados” (ref. 6).
- c) “relevante” (ref. 4) / “empolgante” (ref. 5).
- d) “programas” (ref. 3) / “montanhas” (ref. 8).
- e) “gambiarras” (ref. 7) / “porcaria” (ref. 10).

43. (ENEM - 2012)

Entrevista

Almir Suruí

Não temos o direito de ficar isolados

Soa contraditório, mas a mesma modernidade que quase dizimou os suruí nos tempos do primeiro contato promete salvar a cultura e preservar o território desse povo. Em 2007, o líder



Almir Suruí, de 37 anos, fechou uma parceria inédita com o Google e levou a tecnologia às tribos. Os índios passaram a valorizar a história dos anciãos. E a resguardar, em vídeos e fotos *on-line*, as tradições da aldeia. Ainda se valeram de *smartphones* e GPS para delimitar suas terras e identificar os desmatamentos ilegais. Em 2011, Almir Suruí foi eleito pela revista americana *Fast Company* um dos 100 líderes mais criativos do mundo dos negócios.

ÉPOCA - Quando o senhor percebeu que a internet poderia ser uma aliada do povo suruí?

Almir Suruí - Meu povo acredita no diálogo. Para nós, é uma ferramenta muito importante. Sem a tecnologia, não teríamos como dialogar suficientemente para propor e discutir os direitos e territórios de nosso povo. Nós, povos indígenas, não temos mais o direito de ficar isolados. Ao usar a tecnologia, valorizamos a floresta e criamos um novo modelo de desenvolvimento. Se a gente usasse a tecnologia de qualquer jeito, seria um risco. Mas hoje temos a pretensão de usar a ferramenta para valorizar nosso povo, buscar nossa autonomia e ajudar na implementação das políticas públicas a favor do meio ambiente e das pessoas.

RIBEIRO, A. Época, 20 fev. 2012 (fragmento).

As tecnologias da comunicação e informação podem ser consideradas como artefatos culturais. No fragmento de entrevista, Almir Suruí argumenta com base no pressuposto de que

- a) as tecnologias da informação presentes nas aldeias revelam-se contraditórias com a memória coletiva baseada na oralidade.
- b) as tradições culturais e os modos de transmiti-las não são afetados pelas tecnologias da informação.
- c) as tecnologias da informação inviabilizam o desenvolvimento sustentável nas aldeias.
- d) as tecnologias da informação trazem novas possibilidades para a preservação de uma cultura.
- e) as tecnologias da informação permitem que os povos indígenas se mantenham isolados em suas comunidades.

44. (FUVEST- 2011)

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

(R. Moraes e R. Linsker. Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo. National Geographic Brasil (adaptado).)



No texto, a expressão que indica, de modo mais evidente, o distanciamento social do segundo interlocutor em relação às pessoas a que se refere é

- a) “disposição para o trabalho”.
- b) "vibração empreendedora”.
- c) "feição muito particular”.
- d) “saindo para trabalhar”.
- e) "dessa gente”.

45. (FUVEST – 2011)

Ao reproduzir um diálogo, o texto incorpora marcas de oralidade, tanto de ordem léxica, caso da palavra “garra”, quanto de ordem gramatical, como, por exemplo,

- a) “lanço à queima-roupa”
- b) “Agora você me pegou”.
- c) “deixa eu ver”
- d) “Bogotá é muito feiosa”
- e) “é algo que me toca”.

46. (ENEM – 2010)

**MOSTRE QUE SUA MEMÓRIA É MELHOR DO QUE A DE
COMPUTADOR E GUARDE ESTA CONDIÇÃO: 12X SEM JUROS.**

Campanha publicitária de loja de eletrônicos. Revista Época. Nº 424, 03 jul. 2006

Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo configurações específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é

- a) influenciar o comportamento do leitor por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- b) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- c) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- d) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente desfavorecidas.
- e) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

47. ENEM – 2010

Câncer 21/06 a 21/07



O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação entre os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

(Revista Cláudia. Nº 7, ano 48, jul. 2009)

O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se aos conhecimentos construídos sócio culturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é

- a) Vender um produto anunciado.
- b) Informar sobre astronomia.
- c) Ensinar os cuidados com a saúde.
- d) Expor a opinião de leitores em um jornal.
- e) Aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.

48. UNIFESP-2007

Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:

O que você pensa de sexo?

Uma das maravilhas da criação, eu respondi.

Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas

E esperava que eu dissesse maldição,

Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Em discurso indireto, os dois primeiros versos assumem a seguinte forma:

- a) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensaria de sexo?
- b) Um homem do mundo me perguntou o que você pensava de sexo.
- c) Um homem do mundo me perguntou o que eu penso de sexo?
- d) Um homem do mundo me perguntou o que você pensa de sexo.
- e) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensava de sexo.



49. UNIFESP – 2005

Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

(Oswald de Andrade)

No contexto, a expressão "com história", significa

- a) um colóquio de intelectuais.
- b) uma conversa fiada.
- c) um comunicado urgente.
- d) uma prosa de amigos.
- e) um diálogo sério.

50. ENEM – 2005

O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

- a) “(...) É de laço e de nó De gibeira o jiló Dessa vida, cumprida a sol (...)” (Renato Teixeira. Romaria. Kuarup Discos. setembro de 1992.)
- b) “Protegendo os inocentes é que Deus, sábio demais, põe cenários diferentes nas impressões digitais.” (Maria N. S. Carvalho. Evangelho da Trova. /s.n.b.)
- c) “O dicionário-padrão da língua e os dicionários unilíngües são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas.” (Maria T. Camargo Biderman. O dicionário-padrão da língua. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)



d) (O Globo. O menino maluquinho. agosto de 2002.)

e) “Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer.” (Leon Eliachar. www.mercadolivre.com.br. acessado em julho de 2005.)

7.2 – Gabarito

| | | |
|-------|-------|-------|
| 1. A | 17. C | 33. D |
| 2. C | 18. B | 34. A |
| 3. B | 19. B | 35. C |
| 4. B | 20. C | 36. A |
| 5. D | 21. D | 37. B |
| 6. B | 22. B | 38. A |
| 7. A | 23. B | 39. A |
| 8. A | 24. A | 40. B |
| 9. D | 25. A | 41. B |
| 10. B | 26. D | 42. D |
| 11. D | 27. B | 43. D |
| 12. E | 28. C | 44. E |
| 13. B | 29. B | 45. C |
| 14. C | 30. E | 46. A |
| 15. B | 31. E | 47. E |
| 16. E | 32. B | 48. E |



7.3 – Exercícios comentados

1. (IME – 2019)

Leia os textos a seguir para responder às questões 1. e 2.:

Texto 1

BECOS DE GOIÁS

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.



Amo a prantina silenciosa do teu fio de
água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um
velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e
calada.

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos.
Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados,
pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos,
procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na
minha cidade.

Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.
Becos da minha terra,
discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a
cara.

De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...



Altas horas, mortas horas...

Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.

Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de
varas...

Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.

Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza –
dava em cima...

Mandava sem dó, na peia.

No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

Texto 2

O ELEFANTE

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.

Becos da minha terra...

Becos de assombração.

Românticos, pecaminosos...

Têm poesia e têm drama.

O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.

Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.

Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.

Traz uma entrada grátis do São Pedro de
Alcântara.

Uma passagem de terceira no grande
coletivo de São Vicente.

Uma estação permanente de repouso -
no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

(CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de
Goiás e Estórias Mais. 21ª ed. - São Paulo:
Global Editora, 2006)

E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz



de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.

Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.

E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir

da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,



as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,

o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. O Elefante. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983)

O texto 1 se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

- a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.
- b) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.
- c) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.
- d) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.
- e) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

Comentário: Como é característico da descrição, na primeira parte do texto a autora utiliza uma variedade de adjetivos. Este momento não tem outro objetivo que não o de situar o leitor em sua cidade. Depois, a poeta passa a contar uma história ocorrida na sua cidade. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.



A alternativa B está incorreta, pois a menção aos verbos é apenas para tornar mais difícil a resolução: não há regras que digam que um gênero textual só possa ser executado de determinada maneira.

A alternativa C está incorreta, pois não há regra quanto ao significado dos adjetivos em gêneros textuais;

A alternativa D está incorreta, pois a autora não respeita regras formais esperadas neste gênero literário;

A alternativa E está incorreta, pois o poema é carregado de subjetividade.

Gabarito: A

2. (IME – 2019)

Sobre os textos 1 e 2, analise as afirmações abaixo:

I. descrevem um exterior cuja aparência pode ser vista como deselegante, guardando, porém, tanto os becos quanto o elefante, um interior rico em poesia e vida.

II. revelam uma construção erudita, rígida e intelectualizada de uma narrativa poética cuja forma apresenta estrofes regulares e longas, intercaladas por estribilho.

III. há uma relação estreita entre prosa e poesia revelada no encadeamento que oscila entre a descrição e a narração.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

Comentário:

I. está correta, pois há uma descrição que se opõe entre a feiura do exterior e a beleza do interior nos dois textos;

II. está incorreta, pois não há estrutura poética rígida, já que cada verso e estrofe têm uma extensão diferente, irregular;

III está correta, pois há presença de características de ambos os gêneros.

Gabarito: C

3. (IME 2009 adaptado)



Leia o texto e responda à questão

Rio: uma cidade plural já em 1808

As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia.

SANDRA MOREYRA

Jornal O Globo- 28/11/2007

(adaptado)

Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas da África e da Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era muçulmano, quem vinha da nobreza africana.

Nesta cidade, que já era plural, mas que não tinha infra-estrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil.

O vice-rei começou a fazer os preparativos e saiu desalojando os maiores comerciantes locais de suas casas, para cedê-las aos novos moradores. Eram pintadas nas portas das casas requisitadas para a Corte as iniciais “PR”, de Príncipe Regente, que viraram “prédio roubado” ou “ponha-se na rua”. Era o jeito que herdamos do sangue lusitano de rir de nossas próprias mazelas.

Quando as naus com a família real chegaram por aqui, em março de 1808, já haviam passado pela Bahia e permanecido por um mês em Salvador.

Aqui a festa foi imensa e o relato mais divertido e detalhado é o do Padre Luis Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca. O padre que vivia no Brasil era um admirador incondicional da monarquia, dos ritos da corte, da etiqueta. Quando descobre que a Corte está chegando, fica assanhadíssimo porque vai ver de perto “Sua Alteza Real D. João Nosso Senhor”, como chamava o regente.

É ele quem conta que a chegada dos Bragança por aqui foi acompanhada de luzes, fogos de artifício, badalar de sinos, aplausos e cânticos. Perereca diz que parecia que o sol não havia se posto, tamanha a quantidade de tochas e velas que iluminavam as casas, o largo do Paço e as ruas do centro.

O Rio tinha 46 ruas naquela época. D João se dirigiu à Sé – provisoriamente instalada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, porque a Igreja do Carmo, a Sé oficial, estava em obras. Houve uma determinação de que os homens pretos e também os mestiços não deveriam comparecer à cerimônia, na Igreja deles, porque o Príncipe poderia ficar assustado com a quantidade de negros na cidade. Eles se esconderam numa esquina e quando o cortejo chegou à Igreja, entraram batucando e cantando e todos se misturaram. Assim era o Rio. Assim era o Brasil.

Sobre o texto “Rio: uma cidade plural já em 1808”, podemos afirmar que é uma:

- a) descrição da paisagem natural da cidade do Rio na época da chegada da família real portuguesa.
- b) narrativa sobre hábitos e convivências dos habitantes do Rio no ano de 1808.
- c) narrativa sobre o relacionamento dos cariocas na época da chegada da família real no Brasil.
- d) narrativa sobre o “Padre Perereca”. É dele o relato de todo o texto, como podemos comprovar na linha 25.
- e) abordagem sobre a desordem urbana encontrada na época, tal como a falta de limpeza das vias públicas do Rio de Janeiro.

Comentários: Ainda que permeado por momentos descritivos, essencialmente o texto narra a chegada da família real no Brasil em 1808 e o cenário que encontraram no Rio de Janeiro. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há um foco na paisagem natural, mas sim no urbano;

A alternativa C está incorreta, pois, pois os relacionamentos interpessoais não são o foco do texto;

A alternativa D está incorreta, pois o relato não é “todo” dele.

DICA: cuidado com palavras de caráter totalizante como essa. Normalmente isso indica que a questão não está correta, pois dificilmente algo pode ser definido por um só aspecto.

A alternativa E está incorreta, pois apesar de haver um comentário sobre a desordem, não é o centro do texto.

Gabarito: B

4. (IME – 2009 adaptado)

Leia o texto para responder à questão:

Imigração Japonesa no Brasil

A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.



Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre econômico brasileiro” dá origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em: www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado). Acesso em: 29 ago 2008.

Observe o texto e o que se considera sobre ele.

- I. Possui caráter informativo, mantendo a objetividade.
- II. O emprego dos tempos verbais contribui para valorizar o aspecto descritivo do texto.
- III. Apresenta frequentes expressões que indicam mudança temporal.
- IV. Aponta o fluxo imigratório entre Brasil e Japão em ambos os sentidos.
- V. Faz referência a dificuldades enfrentadas pelos japoneses em sua terra natal.

As alternativas corretas são apenas:

- A) I e V.
- B) I, III e IV.
- C) II e III.
- D) II, IV e V.
- E) IV e V.

Comentário:



I. está correta, pois apesar de ser um texto jornalístico, há um caráter narrativo na exposição de como ocorreu a imigração japonesa.

II. está incorreta, pois o texto não possui caráter descritivo, mas sim narrativo e traços expositivos;

III. está correta, pois há muitos numerais e expressões como “mais tarde”, por exemplo;

IV. está correta, pois fala sobre o ciclo do fim do século XIX até a metade do século XX e também sobre os descendentes que hoje optam por trabalhar no Japão; e

V. está incorreta, pois a referência é aos brasileiros descendentes, não aos japoneses.

Gabarito: B

5. (Mackenzie - 2019)

É importante notar que o esforço para a produção dos sentidos ocorre em virtude de os homens desejarem estabelecer cadeias comunicativas, seja para informar, convencer, emocionar, seja para explicar, determinar, aconselhar. Mas, para que isto acontecesse, foi necessária aos diversos grupos humanos a criação de códigos linguísticos próprios, acordos que conhecemos pelo nome de línguas e que expressam maneiras particulares de conceber os significados, as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo das palavras. Sem isto, as expressões linguísticas cairiam no vazio e as sentenças resultariam incompreensíveis. Imaginem como ficaria um alemão que não sabe português diante da frase “A lição está difícil”.

Em nosso caso, o **código comum** é a língua portuguesa: graças a ela produzimos, verbalmente, os efeitos de sentido. No entanto, não se deve considerar o código comum como uma referência padrão que se mantém inalterada. Ao contrário, a língua possui variabilidades, usos diferenciados conforme a situação cultural, econômica, etária, regional do usuário.

Adilson Citelli, O texto argumentativo

Assinale a alternativa correta sobre o texto e a presença de funções da linguagem.

- a) A função predominante no texto, em sua totalidade, é a função emotiva, já que há de modo destacado índices de subjetividade.
- b) O interesse em motivar respostas dos leitores diante do que é lido evidencia que a função conativa é a predominante no texto.
- c) Uma elaboração estética da linguagem (como o uso de rimas e de figuras de linguagem) é destacada no texto, o que evidencia o emprego da função poética.
- d) A construção textual se organiza em torno da transmissão de um conteúdo específico sobre assunto delimitado, com destaque para a função referencial.
- e) A presença de perguntas retóricas e de trechos que têm por objetivo principal chamar a atenção do leitor auxilia na manifestação da função fática no texto.

Comentários: Percebe-se, observando a legenda, que se trata de um texto didático, que se debruça sobre um assunto específico: a língua portuguesa. Uma vez que o objetivo do texto didático tende a

ser informar os dados sem opinar sobre eles, passando alguma informação para o leitor, presume-se que esse texto tem majoritariamente função referencial. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não possui índices de subjetividade, já que é didático.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não se foca em buscar respostas do leitor, mas sim de passar-lhe uma informação.

A alternativa C está incorreta, pois não se verificam rimas nem figuras de linguagem nesse texto.

A alternativa E está incorreta, pois pretende-se passar informação, não testar o canal de comunicação.

Gabarito: D

6. (IFMT - 2019) adaptada

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.



(Manuel Bandeira. Disponível em:
<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>)

O texto “O Bicho” é um poema. Nesse gênero, as palavras são usadas no sentido diferente do que lhes é atribuído no dia-a-dia, pois a característica predominante da linguagem é a:

- a) Denotação.
- b) Conotação.
- c) Estilística.
- d) Objetivação.
- e) Referencialidade.

Comentários: O texto que **usa palavras com significados diferentes daquilo que costumam ter**, abrindo margem a interpretações, é o texto conotativo. Assim, há predominantemente conotação no texto. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois um texto denotativo é aquele em que as palavras significam exatamente aquilo que são, ou seja, não há interpretação de outros possíveis significados.

A alternativa C está incorreta, pois estilística é o campo de estudo do português em que se estudam os processos de estilo da língua, não uma característica da linguagem.

A alternativa D está incorreta, pois o texto não visa a objetividade, mas sim trabalha com a linguagem mais emotiva.

A alternativa E está incorreta, pois o texto é poético, não didático ou jornalístico, ou seja, não possui pretensão de isenção.

Gabarito: B

7. (UNESP - 2019)

Leia o trecho do romance S. Bernardo, de Graciliano Ramos, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente.

Concluiu-se a construção da casa nova. Julgo que não preciso descrevê-la. As partes principais apareceram ou aparecerão; o resto é dispensável e apenas pode interessar aos arquitetos, homens que provavelmente não lerão isto. Ficou tudo confortável e bonito. Naturalmente deixei de dormir em rede. Comprei móveis e diversos objetos que entrei a utilizar com receio, outros que ainda hoje não utilizo, porque não sei para que servem.

Aqui existe um salto de cinco anos, e em cinco anos o mundo dá um bando de voltas.

Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.

Alcansei mais do que esperava, mercê de Deus. Vieram-me as rugas, já se vê, mas o crédito, que a princípio se esquivava, agarrou-se comigo, as taxas desceram. E os negócios desdobraram-se automaticamente. Automaticamente. Difícil? Nada! Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão de

sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria. Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem. Conheço indivíduos preguiçosos que têm faro: quando a ocasião chega, desenroscam-se, abrem a boca – e engolem tudo.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálítico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando Direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na Gazeta, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em consequência mordeu-me cem mil-réis.

(S. Bernardo, 1996.)

O narrador emprega expressão própria da modalidade oral da linguagem em:

- a) “Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza.” (7º parágrafo)
- b) “Naturalmente deixei de dormir em rede.” (4º parágrafo)
- c) “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus.” (6º parágrafo)
- d) “E os negócios desdobraram-se automaticamente.” (7º parágrafo)
- e) “Julgo que não preciso descrevê-la.” (4º parágrafo)

Comentários: A expressão “rodam que é uma beleza” é típica da linguagem coloquial, informal, mais próxima da oralidade. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de ser uma oração facilmente encontrada num discurso oral, não há aqui nenhuma expressão cunhada da oralidade em si.

A alternativa C está incorreta, pois há aqui uma construção bastante complexa gramaticalmente, com duas orações subordinadas. Esse tipo de construção é muito mais comum à escrita do que à oralidade.

A alternativa D está incorreta, pois o uso do pronome “se” em ênclise, ou seja, depois do verbo, é menos comum na oralidade. Na oralidade, tende-se a usar a próclise – o pronome antes do verbo.

A alternativa E está incorreta, pelo mesmo motivo que D: uso do pronome “la” em ênclise é menos comum na oralidade.

Gabarito: A



8. (PUC RS - 2019)

E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. [...]

Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão [...].

Fragmento adaptado de: Fernando Pessoa,
Correspondência (1923-1935).

As funções da linguagem estão presentes em todo texto que produzimos. No texto, predomina a função

- a) metalinguística.
- b) referencial.
- c) conativa.
- d) fática.

Comentários: O texto fala sobre o surgimento dos heterônimos de Fernando Pessoa, principalmente a criação de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa é conhecido pela criação de personas diferentes, que escreviam de maneiras diversas, cada um com suas características. O texto também fala sobre a publicação do primeiro poema em nome de Álvaro de Campos. Assim, por falar sobre o próprio texto ou sobre o ato da escrita, a função predominante é a metalinguística. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a função referencial se foca no referente, ou seja, quer situar no contexto, com o objetivo de informar os dados sem opinar sobre eles.

A alternativa C está incorreta, pois principal objetivo de um texto conativo é convencer alguém de algo, aparecendo em publicidade e campanhas políticas principalmente.

A alternativa D está incorreta, pois o centro da função fática é o canal, ou seja, a preocupação é com o veículo de transmissão, sendo menos importante nem o que nem como se fala, mas sim o estabelecimento de contato.



Gabarito: A

9. (UECE - 2019)

Comida

Titãs

- 84 Bebida é água
- 85 Comida é pasto
- 86 Você tem sede de quê?
- 87 Você tem fome de quê?

- 88 A gente não quer só comida
- 89 A gente quer comida, diversão e arte
- 90 A gente não quer só comida
- 91 A gente quer saída para qualquer parte

- 92 A gente não quer só comida
- 93 A gente quer bebida, diversão, balé
- 94 A gente não quer só comida
- 95 A gente quer a vida como a vida quer

- 96 Bebida é água
- 97 Comida é pasto
- 98 Você tem sede de quê?
- 99 Você tem fome de quê?

- 100 A gente não quer só comer
- 101 A gente quer comer e quer fazer amor
- 102 A gente não quer só comer
- 103 A gente quer prazer pra aliviar a dor

- 104 A gente não quer só dinheiro
- 105 A gente quer dinheiro e felicidade
- 106 A gente não quer só dinheiro
- 107 A gente quer inteiro e não pela metade

- 108 Diversão e arte
- 109 para qualquer parte
- 110 diversão, balé
- 111 como a vida quer...
- 112 Desejo, necessidade, vontade
- 113 necessidade, desejo
- 114 necessidade, vontade
- 115 necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.



A respeito do uso das funções da linguagem na canção, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A função referencial predomina do começo ao fim da canção, pois a intenção principal do texto é informar ao leitor sobre um fato, qual seja: o homem tem necessidades estéticas que precisam ser satisfeitas, além de necessidades físicas.
- b) Em razão de o enunciador procurar comover e emocionar o seu interlocutor, apresentando-lhe as injustiças sociais sofridas por não se ter os anseios atendidos, a função emotiva se destaca fortemente na canção.
- c) A função poética não tem destaque na canção, porque o enunciador investe pouco na construção estética da mensagem a ser veiculada.
- d) A função fática está presente no texto em enunciados como “Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? (Refs. 86-87; 98-99), em que o enunciador procura simular uma conversa com o leitor.

Comentários: Ao fazer perguntas como “Você tem sede de quê?” e “Você tem fome de quê?”, fica clara a intenção da música de direcionar-se para o ouvinte, colocando-o na conversa. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a letra da canção trabalha a ideia poeticamente, não se preocupando em manter a isenção ou o simples caráter informativo.

A alternativa B está incorreta, pois não há busca de comover o ouvinte, ainda que haja um propósito de denúncia do que ocorre.

A alternativa C está incorreta, pois há uma construção poética nos sons, no ritmo, na escolha de palavras.

Gabarito: D

10. (IFBA - 2019)

MARIA

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?



A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro.

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos,

tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d' água*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014, p.39-42.

No conto “Maria”, é predominante:

- a) a tipologia textual injuntiva.
- b) a tipologia textual narrativa.
- c) a tipologia textual expositiva.
- d) a tipologia textual descritiva.
- e) a tipologia textual dissertativa.

Comentários: O conto preserva as principais características de um texto narrativo: apresenta uma ação num determinado tempo e espaço, personagens e uma estrutura que passa pela apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Assim, a alternativa correta é a alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o texto injuntivo, tem por objetivo instruir ou prescrever o leitor de maneira. A linguagem desses textos costuma ser o mais objetiva possível, o que não acontece aqui, já que o texto é bastante poético.

A alternativa C está incorreta, pois o texto expositivo apresenta uma ideia, mas não deve opinar nem emitir juízo de valor sobre ela. Assim, ao invés de apresentar argumentos para embasar sua fala, esse gênero faz uso de dados científicos, definições, conceitos, comparação de informação, entre outros recursos, o que não ocorre nesse texto.

A alternativa D está incorreta, pois um texto do descritivo busca expor ou relatar, não narrar uma sucessão de fatos, como o conto.



A alternativa E está incorreta, pois o objetivo de um texto dissertativo-argumentativo é expor um ponto de vista sobre determinado tema ou assunto, utilizando argumentos que corroborem sua tese acerca do tema proposto. Apesar de ser um texto de caráter opinativo, tende a aparecer com frequência usando uma linguagem mais formal ou impessoal, o que não ocorre aqui.

Gabarito: B

11. (UFGD - 2019)

Um diário digital é uma ferramenta que permite participação em uma situação comunicativa perfazendo-se de uma interação demarcada entre o eu e a sua subjetividade. Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabaços. A partir do uso contínuo de um diário digital, podem ser extraídos alguns benefícios muito úteis pelos seus usuários, como, por exemplo, a obtenção de clareza nos pensamentos e nas ideias; a definição de metas e a manutenção do foco em atingi-las; auxílio no processo de abstração, sonhar e ser criativo, uma vez que se está escrevendo para si mesmo. De acordo com isso, a respeito de um diário digital, afirma-se corretamente que

- a) a linguagem, nesse gênero, costuma seguir um padrão rígido, podendo ser expressa apenas por meio da formalidade.
- b) possui uma estrutura bem definida em que o emprego dos tempos verbais deve permanecer no presente.
- c) a estrutura textual possui pronomes pessoais expressos em primeira e terceira pessoas do singular e do plural.
- d) pode ser interpretado como um importante e valioso documento histórico, podendo conter o registro de fatos marcantes.
- e) representa um documento que pode ser compartilhado tanto pelo dono quanto por outros usuários, que fazem parte do círculo de amigos, permitindo dessa forma uma edição coletiva.

Comentários: Se, segundo o texto, “Por meio dessa ferramenta, podem ser registradas as impressões acerca do mundo, as ideias, os sentimentos e os desabaços”, fica implícito que pode-se registrar, de maneira indireta, algum fato marcante do cotidiano, podendo tornar-se um valioso documento histórico. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois no diário não é necessário que se siga um padrão rígido da linguagem, principalmente na internet.

A alternativa B está incorreta, pois é um texto em que a pessoa pode falar de si mesma, ou seja, pode tanto falar sobre o presente quanto sobre questões do passado.

A alternativa C está incorreta, pois o texto do diário é narrado em primeira pessoa, já que o escritor fala de si mesmo.

A alternativa E está incorreta, pois ainda que possa ser compartilhado com outros, o princípio do diário é que ele seja escrito por uma pessoa só.

Gabarito: D

12. (FUVEST - 2018)

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, O cortiço.

*ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- f) “mas um só ruído compacto” (L. 2).
- g) “ouviam-se gargalhadas” (L. 3).
- h) “o prazer animal de existir” (L. 5-6).
- i) “gritou ela para baixo” (L. 10).
- j) “bata na porta” (L. 11).

Comentários: O verbo “bater” deve ser acompanhado da preposição “a” para expressar ação de golpear a porta. Assim, a frase deveria ser substituída por bata à porta para atender às exigências da gramática normativa. Por isso, a frase que denota registro informal da língua é alternativa E. Iremos estudar melhor questões de regência e preposição na nossa aula sobre verbo. A alternativa A está incorreta, pois “compacto” significa “pequeno” ou “reduzido”. O uso dessa palavra ao invés de outra mais comum como “pequeno” demonstra domínio da língua, o que foge à lógica do registro informal.

A alternativa B está incorreta, pois o uso da ênclise (pronome ao final do verbo) depois de pontuação (ponto e vírgula) demonstra um uso da norma culta da colocação pronominal. Na oralidade tendemos a utilizar a próclise (pronome antes do verbo).

A alternativa C está incorreta, pois essa sentença não indica a presença nem do registro formal nem do informal. Trata-se de uma frase comum, com vocabulário comum, sem nenhum indício de algo mais rebuscado ou de uma variedade popular.



A alternativa D está incorreta, pois não há erro ou variante aqui. A frase simplesmente está na ordem indireta. Seria como dizer “Ela gritou para baixo”.

Gabarito: E

13. (ENEM – 2018)

Reclame

se o mundo não vai bem

a seus olhos, use lentes

... ou transforme o mundo.

ótica olho vivo

agradece a preferência.

(CHACAL. Disponível em: www.escritas.org. Acesso em: 14 ago. 2014)

Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- a) Extensão do texto.
- b) Emprego da injunção.
- c) Apresentação do título.
- d) Disposição das palavras.
- e) Pontuação dos períodos.

Comentário: A característica do texto publicitário está na injunção, que se apresenta nos verbos no imperativo, dando uma sugestão ao leitor (use lentes / transforme o mundo). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois um texto publicitário não é necessariamente curto, apenas os slogans têm tamanho reduzido.

A alternativa C está incorreta, pois o título não é característico da publicidade.

A alternativa D está incorreta, pois a disposição poética apresentada não é necessariamente comum à publicidade.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que D: a questão da pontuação não é necessariamente comum à publicidade.

Gabarito: B

14. INSPER – 2018



Analise a tirinha abaixo:



Na tira, a presença do termo “Vossa Mercê” na fala do Vovô revela

- a) variedade de língua arcaica, para deixar claro à interlocutora a importância da diferença de idade.
- b) respeito excessivo dele ao dirigir-se à interlocutora, para contestar a ideia de que é antiquado.
- c) diferença de usos linguísticos entre as gerações, corroborando a avaliação da interlocutora sobre ele.
- d) intolerância da interlocutora com ele, cuja linguagem se mostra tão informal quanto a dela.
- e) opção por uma linguagem mais à vontade para agradar a interlocutora, que mostra ter princípios.

Comentário: Vossa mercê é o modo arcaico do pronome “você”, uma contração das duas palavras. A diferença geracional fica evidente no uso do “você” no primeiro quadrinho pela menina e da “vossa mercê” no terceiro quadrinho pelo avô. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a tirinha visa mostrar esta diferença para o leitor.

A alternativa B está incorreta, pois não é uma questão de respeito, mas sim de hábito de fala que o faz utilizar “vossa mercê”.

A alternativa D está incorreta, pois nem ela é intolerante, nem ele em uma linguagem informal, já que hoje em dia essa expressão caiu em desuso.

A alternativa E está incorreta, pois não há uma tentativa de agradar a personagem.

Gabarito: C

15. (URGS – 2018) adaptada

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra (l. 01-02).

- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b) Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.

Comentário: O presente do indicativo no discurso direto se torna pretérito imperfeito na transposição para discurso indireto, respeitando o número e o gênero. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois alterou de 1ª pessoa do plural para o singular.

A alternativa C está incorreta, pois o verbo está no pretérito mais que perfeito.

A alternativa D está incorreta, pois não houve alteração dos tempos verbais.

A alternativa E está incorreta, pois alterou o aspecto de durabilidade de “dizia”.

Gabarito: B

16. (ENEM – 2018)

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

— Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

(LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: A legião estrangeira. São Paulo: Ática, 1997)

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciativa sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

Comentário: A autora comenta uma situação: quando o professor diz que irá expulsá-la da sala e ela o desafia a fazê-lo – o que ele acaba não fazendo. É o principal traço constitutivo de um conto. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois há a presença da opinião da autora no texto.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto esse traço, apenas a narração de um evento em que o professor deu uma ordem.

A alternativa C está incorreta, pois apesar de haver uma descrição do professor, este não é o elemento característico dos contos presente neste fragmento.

A alternativa D está incorreta, pois a opinião da autora transparece, mas não é o que torna este fragmento típico de um conto.

Gabarito: E

17. (UFPR – 2017)

Considere o trecho que vem na sequência da fala de Castanhari.

E outra coisa que você podia fazer é não apoiar pessoas de políticas do mal ou contra os refugiados da Síria. Porque no meio disso tudo tem pessoas ignorantes que dizem que os refugiados da Síria são todos terroristas. Porque no meio disso tudo, o que as pessoas precisam é de países dispostos a estender a mão para elas. Porque no meio de todo esse sofrimento,

dessa guerra, de toda essa morte, a única esperança que um refugiado tem de ter uma vida normal está nas mãos de um país vizinho disposto a estender a mão pra essa pessoa. [...]

Assinale a alternativa que sintetiza o trecho em formato de discurso indireto.

- a) O youtuber propõe uma política internacional de defesa dos refugiados contra as ameaças de morte que eles encaram em países vizinhos, pois na maioria dos casos esses refugiados são considerados terroristas, e isso põe a comunidade internacional em estado de alerta contra ataques.
- b) Nós, brasileiros, podemos ajudar e lutar contra os políticos sírios que rotularam estrategicamente os refugiados como terroristas. A ajuda está em nossas mãos, pois além dos países vizinhos, os países de outros continentes são também responsáveis pelo acolhimento.
- c) Felipe Castanhari defende que os brasileiros podem colaborar. Apesar de haver pessoas que consideram os refugiados terroristas, eles precisam de ajuda, pois sua única esperança pode estar na solidariedade de outros países.
- d) Os usuários do YouTube concordam com Felipe Castanhari quanto à proposta de que eles precisam diferenciar os bons políticos – que defendem ajuda humanitária de qualquer país, inclusive os mais distantes – dos maus políticos, que consideram os refugiados terroristas.
- e) Os refugiados precisam de ajuda, pois não há condições de vida no país. Você e os usuários do YouTube fazem parte dos países que podem ajudar com amparo humanitário, desfazendo o equívoco internacional do juízo desses refugiados como terroristas.

Comentário: A única alternativa que reescreve o trecho no discurso indireto, sem acrescentar novas informações ao texto original, é a alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o texto original não afirma que há ameaças de morte de países vizinhos, mas sim que os sírios dependem da ajuda de países vizinhos para sobreviver.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto original referência à postura do governo sírio.

A alternativa D está incorreta, pois não há no texto original referência ao comportamento dos usuários do YouTube quanto à questão síria.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em D, não há no texto original referência ao comportamento dos usuários do YouTube quanto à questão síria.

Gabarito: C

18. (INSPER – 2017)

Às 15h de uma segunda-feira, o campinho de futebol sob o viaduto de Vila Esperança está lotado de jovens descalços disputando o clássico Dois Poste contra Santa Cruz.

Ninguém tem emprego. Xambito é um deles.



Xambito precisa pagar pensão para seu filho de três anos, mas não quer voltar para a “vida errada”, como diz.

“Essa vida errada aí, biqueira [ponto de vendas de drogas], tráfico, só tem dois caminhos: cadeia ou morte; não quero nenhum desses dois, quero ver meu filho crescer, botar ele pra jogar bola, pra estudar”, diz Xambito, que anda pela favela com uma caixinha de som tocando o sertanejo Felipe Araújo.

Ele está correndo atrás de um “serviço fichado” (registrado). Já foi várias vezes aos pátios das fábricas em Cubatão, mas diz que aparecem dez vagas para 500 pessoas. “Só com ajuda de Deus para ser chamado, é muita gente desempregada.”

(<http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>)

No texto, a função da linguagem predominante é a

- a) apelativa, considerando-se a intenção de persuadir o público leitor, fazendo-o acreditar que muitas pessoas vivem sem renda.
- b) referencial, considerando-se a intenção de analisar e expor ao público leitor a condição de vida dos menos favorecidos.
- c) emotiva, considerando-se a ênfase nas condições de vida conturbadas das pessoas com o fim de comover o público leitor.
- d) emotiva, considerando-se a descrição de um contexto de vida particular para expor a questão das drogas na sociedade.
- e) referencial, considerando-se que expõe de forma pouco idealizada a rotina de jovens que preferem o futebol ao trabalho formal.

Comentário: O texto apresenta uma série de informações sobre a vida de uma parcela da população: desde aspectos pessoais (pensão do filho) até socioeconômicos (dificuldade de conseguir emprego).

Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há tentativa de convencimento do leitor.

A alternativa C está incorreta, pois a função emotiva se foca no emissor e não no receptor.

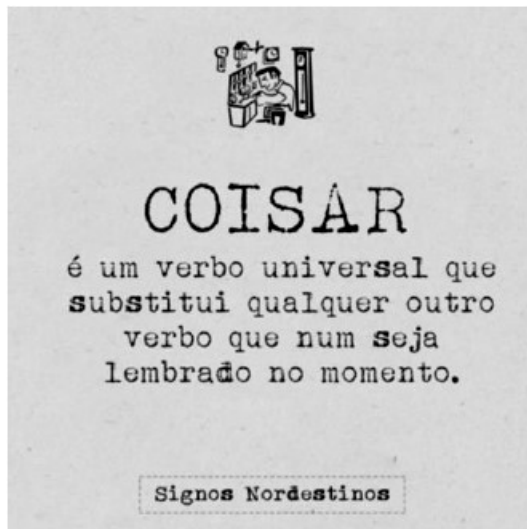
A alternativa D está incorreta, pois a questão das drogas não é o centro do texto.

A alternativa E está incorreta, pois não há predileção por não trabalhar, mas sim falta de oportunidades para tal.

Gabarito: B

19. (UNICAMP - 2017)





(Disponível em <https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fref=ts>.
Acessado em 26/07/2016.)

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que “coisar” é

- a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo “coisa”.
- b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo “coisa” no verbo “coisar”.
- c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
- d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo “coisa” em verbo “coisar”, reiterando um esquecimento.

Comentários: Segundo a definição da imagem, “coisar” é um verbo que pode significar qualquer outro. Esse verbo é formado a partir do substantivo “coisa”. Portanto, adiciona-se um sufixo a “coisa”, transformando a palavra num verbo. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a palavra “coisa” pode se referir a diferentes elementos. Ao ser transformada num verbo, ela mantém a característica e pode se referir a muitos outros verbos. Não há, portanto, atribuição de significado a outros verbos, mas sim muitos significados a um mesmo verbo.

A alternativa C está incorreta, pois na imagem há referência a “Signos nordestinos” como local de origem do verbete. Isso indica que não há sentido universal, mas sim uma variante regional: é especificamente no nordeste que se popularizou a expressão.

A alternativa D está incorreta, pois não há ideia de esquecimento, mas sim de generalização.

Gabarito: B



20. (UNICAMP - 2017)

No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português “revela visão curta sobre como a língua funciona”. E justifica:

“O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. *Que ano você nasceu? Que série você estuda?* e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para *transgressões* muito maiores?”

Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também.”

(Adaptado do blog *Melhor Dizendo*. Post completo disponível em <http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>. Acessado em 08/06/2016.)

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)
- A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (Camacho, 1985, p. 4.)
- Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (Bagno, 2007, p. 161.)
- Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (Geraldí, 1996, p. 64.)

Os excertos são adaptados de textos dos autores referenciados abaixo:

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Editorial, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, 29, p.1-7, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.



Comentários: O texto defende que o registro coloquial é tão legítimo quanto a norma culta, pois ambos são formas de comunicar-se, passar sua mensagem. O importante é ser compreendido. Na língua, ainda que se cometam transgressões. Por isso, o trecho que melhor dialoga com essa ideia está na alternativa C, em que Bagno defende que não se deve tratar como erros aquilo que são usos da língua.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não pensa necessariamente em grupos sociais e suas formas de comportamento. O texto fala sobre os usos correntes da linguagem, que são tão legítimos quanto a norma culta.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência no texto de apoio a uma correspondência entre o modo de falar e as classes dominantes.

A alternativa D está incorreta, pois o texto de apoio defende que na oralidade não é preciso que se siga a norma culta da linguagem. O registro coloquial tem suas próprias regras.

Gabarito: C

21. (UNESP – 2017) adaptada

Observe o seguinte período retirado da crônica “Seu ‘Alfredo’”, de Vinicius de Moraes, publicada originalmente em setembro de 1953:

“[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?”

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

Comentário: “Vais” é está no tempo presente, portanto, na transposição para discurso indireto, deve passar a ser conjugado em pretérito imperfeito. Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois apresenta conjugação no pretérito perfeito.

A alternativa B está incorreta, pois apresenta conjugação no pretérito mais que perfeito.

A alternativa C está incorreta, pois mantém presente, mas altera a pessoa.

A alternativa E está incorreta, pois altera a conjugação para futuro do pretérito.

Gabarito: D

22. (UNIFESP – 2017)

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama:

“Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virum que cano**, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos antos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a

respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)

*arma virumque cano: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- “Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o ‘pois não’ melodioso de d. Anita, durante o dia.” (3o parágrafo)
- “E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.” (2o parágrafo)
- “Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância.” (3o parágrafo)
- “Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: ‘Desculpe, é engano’, ou ficava mudo, sem desligar.” (4o parágrafo)
- ““O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?”” (5o parágrafo)

Comentário: A única alternativa que coloca uma marca da fala da personagem é a B ao dizer “veja, só”, que é um típico comentário que não partiu do narrador inserido no texto.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de haver a fala de outras personagens, ela é apresentada com aspas, uma configuração de denota discurso direto.

A alternativa C está incorreta, pois esse trecho é apenas a descrição de duas personagens. Não há marcas de discurso.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de haver a fala de outras personagens, ela é apresentada com dois pontos e aspas, uma configuração de denota discurso direto.

A alternativa E está incorreta, pois essa é uma fala entre aspas no texto, o que indica discurso direto.

Gabarito: B

23. (ENEM – 2016)

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest’ a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

(SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest’ a” contribui para

- a) marcar a classe social das personagens.
- b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

Comentário: As palavras destacadas são típicas da região nordeste no Brasil e, por isso, representam uma variação linguística regional. A alternativa correta é alternativa B

A alternativa A está incorreta, pois regionalismos não são marcadores de classe social.

A alternativa C está incorreta, pois o que enfatiza a relação familiar são as expressões como “minha irmã” no vocativo.

A alternativa D está incorreta, pois estas expressões nada têm a ver com gênero.

A alternativa E está incorreta, pois elas demonstram mais um descontentamento do que um tom autoritário.

Gabarito: B

24. (UNESP – 2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.) para responder à questão.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha*. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

*doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“– Não sou um pássaro – alegou o morcego.” (3º parágrafo)

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.

Comentário: O presente do indicativo, quando transposto para discurso indireto, se torna pretérito IMPERFEITO, portanto, a única alternativa correta é a alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois promoveu alteração na pessoa (de terceira para primeira);

A alternativa C está incorreta, pois está no pretérito mais que perfeito;

A alternativa D está incorreta, pois está no subjuntivo e não no indicativo;

A alternativa E está incorreta, pois está no futuro do pretérito.

Gabarito: A

25. (UNESP -2016)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.

Comentário: O texto apresenta a opinião dos autores acerca do problema da violência urbana. A dificuldade aqui poderia ser identificar o gênero a partir de um fragmento, já que os elementos

esperados de um texto dissertativo-argumentativo – introdução, desenvolvimento e conclusão – não se apresentam todos aqui de maneira clara. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há uma estrutura narrativa com personagens e ações, mas sim uma análise do cotidiano.

A alternativa C está incorreta, pois não é um texto que almeja isenção nos comentários.

A alternativa D está incorreta, pois ele não está puramente descrevendo, mas sim opinando sobre.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que C: não é um texto que almeja isenção nos comentários.

Gabarito: A

26. (UERJ – 2015)

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

(Rosa Amanda Strausz, *Mínimo múltiplo comum: contos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990).

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

- a) injuntivo
- b) descritivo
- c) dramático
- d) argumentativo

Comentário: O primeiro parágrafo expressa a opinião da sociedade sobre as roupas femininas, por isso, este trecho é argumentativo. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta. **Cuidado:** não é porque o texto se apresenta de modo taxativo que ele se torna injuntivo. Para pertencer a este gênero ele precisava se apresentar como uma ordem ou recomendação (por exemplo: “Não revele suas formas”).

A alternativa B está incorreta pois não há uma descrição dos fatos e eventos, mas sim uma análise do comportamento social.

A alternativa C está incorreta, pois não há exposição de fatos ou eventos, mas sim uma análise do comportamento social.

Gabarito D

27. (FGV – 2015)

À margem de Memórias de um sargento de milícias

É difícil associar à impressão deixada por essa obra divertida e leve a ideia de um destino trágico. Foi, entretanto, o que coube a Manuel Antônio de Almeida, nascido em 1831 e morto em 1861. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora: mais alguns dados, os poucos de que dispomos, apenas servem para carregar nas cores, para tornar a atmosfera do quadro mais deprimente. Que é que cabe num prazo tão curto?

Uma vida toda em movimento, uma série tumultuosa de lutas, malogros e reerguimentos, as reações de uma vontade forte contra os golpes da fatalidade, os heroicos esforços de ascensão de um self-made man esmagado pelas circunstâncias. Ignoramos quase totalmente seus começos de menino pobre, mas talvez seja possível reconstruí-los em parte pelas cenas tão vivas em que apresenta o garoto Leonardo lançado de chofre nas ruas pitorescas da indolente cidadezinha que era o Rio daquela época. Basta enumerar todas as profissões que o escritor exerceu em seguida para adivinhar o ambiente. Estudante na Escola de Belas-Artes e na Faculdade de Medicina, jornalista e tradutor, membro fundador da Sociedade das Belas-Artes, administrador da Tipografia Nacional, diretor da Academia Imperial da Ópera Nacional, Manuel Antônio provavelmente não se teria candidatado ainda a uma cadeira da Assembleia Provincial se suas ocupações sucessivas lhe garantissem uma renda proporcional ao brilho de seus títulos. Achava-se justamente a caminho da “sua” circunscrição, quando, depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto, deixando saudades a um reduzido círculo de amigos, um medíocre libreto de ópera e algumas traduções, do francês, de romances de cordel, aos pesquisadores de curiosidade, e as Memórias de um sargento de milícias ao seu país.

(Paulo Rónai, Encontros com o Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014)

No trecho “depois de tantos naufrágios no sentido figurado, pereceu num naufrágio concreto”, o autor emprega a palavra “naufrágio” em dois sentidos diferentes. Esses dois tipos de sentido também podem ser identificados, respectivamente, nas seguintes palavras do texto:

- a) “malogros” e “reerguimentos”.
- b) “atmosfera” e “fatalidade”.
- c) “circunstâncias” e “cores”.
- d) “golpes” e “brilho”.
- e) “pesquisadores” e “curiosidade”.

Comentário: O primeiro “naufrágio” se refere metaforicamente a todas as desventuras que o autor viveu, já o segundo se refere à uma tragédia marítima literal, que foi a causa da morte de Manuel Antônio de Almeida. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois ambas as palavras funcionam no sentido literal no texto.

A alternativa C está incorreta, pois circunstâncias está no sentido literal, diferente do primeiro “naufrágio”, que está no sentido figurado.

A alternativa D está incorreta, pois a expressão “carregar nas cores” está em sentido figurado, diferente do segundo “naufrágio”, que está no sentido literal.

A alternativa E está incorreta, pois pesquisadores é aplicada no sentido literal.

Gabarito: B

28. (FUVEST - 2015)

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, “Dez livros para entender o Brasil”. Teoria e debate. Ed. 45, 01/07/2000.

Constitui recurso estilístico do texto

- I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- a) I.
- b) II.



c) I e II.

d) III.

e) I e III.

Comentários

O item I está correto, pois o texto apresenta registros formais e informais. Isso fica claro pelo uso de formas gramaticalmente corretas, como o respeito à regência verbal (transitividade) em “refere à simples informação” (L. 1-2), bem como o uso da primeira pessoa do plural, “nós”, para marcar o registro informal, o que podemos observar, por exemplo, em: “Depende do momento da vida em que o lemos” (L. 2-3).

O item II está correto. Isso pode ser verificado através da repetição da estrutura verbal “depende” (L. 2) e “para quem” (L. 3 e 4).

O item III está incorreto, pois jargão é uma espécie de gíria ligada principalmente a um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados. Isso não ocorre aqui.

Gabarito: C

29. (ENEM – 2015)

Assum preto

(Baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil veiz a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de Assum preto resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra, a:

- a) pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- b) pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- c) flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- d) redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.



e) pronúncia das palavras “ignorância” e “avuá”.

Comentário: A única alternativa que apresenta constância na mudança entre as palavras é a B, em que se encontra a mudança do “L” para “R” quando precedido por uma vogal (talvez se torna tarvez; solto se torna sorto). Assim, a alternativa correta é alternativa B.

Na alternativa A, “vorta” tem o mesmo movimento, mas “veve” provoca troca entre vogais.

Na alternativa C, há alteração do sufixo marcador de tempo do verbo (furaram) e supressão do infinitivo (cantar).

Na alternativa D, não há redundância em “mata em frô”, mas sim descrição da estação do ano ou condição do meio ambiente.

Na alternativa E, “ignorância” é uma modificação de pronúncia e “avuá” é uma modificação de pronúncia de uma palavra que caiu em desuso (avoar).

Gabarito: B

30. (INSPER – 2015)

A cena cotidiana, que a maioria já vivenciou, sempre serviu como exemplo de conversa superficial. "Está quente hoje", comenta um. "Será que vai chover?", indaga o interlocutor desinteressado. Para uma fatia dos moradores da região metropolitana de São Paulo, contudo, a pergunta não é mais retórica. Revela, ao contrário, preocupação genuína com a situação do sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento hídrico de 8,8 milhões de pessoas. Por causa da estiagem incomum, tornaram-se frequentes, e não só nos elevadores, os diálogos sobre um possível racionamento em parte da capital e em municípios próximos. A Sabesp (companhia paulista de saneamento básico), por ora, descarta essa hipótese e assegura o suprimento até março de 2015.

(Folha de S. Paulo, 24 jul. 2014.)

O excerto acima evidencia os propósitos comunicativos dos falantes, a partir de escolhas linguísticas que exploram diferentes funções de linguagem. Dessa forma, de acordo com o texto, a preocupação com a seca fez com que os diálogos dos paulistanos acerca da previsão do tempo deixassem de cumprir unicamente o objetivo da função

- a) emotiva.
- b) apelativa.
- c) referencial.
- d) metalinguística.
- e) fática.

Comentário: Conversas superficiais têm por objetivo testar o canal de comunicação e mantê-lo aberto, ou seja, apenas estabelecer contato mínimo. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois a dita “conversa de elevador” não tem por objetivo passar nenhuma mensagem nem se focar em nenhum dos participantes da conversa.

A alternativa B está incorreta pelo mesmo motivo que A: a dita “conversa de elevador” não tem por objetivo passar nenhuma mensagem nem se focar em nenhum dos participantes da conversa.

A alternativa C está incorreta, pois a conversa descrita não visa informar sobre o contexto dos participantes.

A alternativa D está incorreta, pois a conversa não versa sobre a língua ou escrita.

Gabarito: E

31. (INSPER – 2015)

Geopolítica do coração

Existem duas Copas paralelas: aquela em que o Brasil joga – e você sofre, grita, esperneia – e aquela em que as outras seleções jogam – e você pode se dar ao luxo de assistir tranquilamente do seu sofá, encantado com as belezas e surpresas do esporte bretão. O único problema dessa segunda modalidade de fruição desportiva é que nem sempre é fácil escolher o time para o qual torcer.

Tendo sido criado por um torcedor fiel do Linense, com moderadas convicções de esquerda, cresci acreditando que uma das graças do futebol é ver o mais fraco vencer. Chile e Espanha, portanto, foi bico: colonizados contra colonizadores, atuais campeões do mundo contra um time que jamais ganhou uma Copa. Até fui a um restaurante chileno, gritei "Chi-chi-chi-le-le-le" e fiquei com os olhos marejados na hora do hino.

Diante de Holanda e Austrália, porém, minha opção preferencial pelos pobres subiu no telhado. Como não querer ver a máquina que havia metido cinco na Espanha funcionando perfeitamente, de novo? Entre Robben e a retranca, ficaria com a retranca? Tive que me submeter a um rápido tour de force para aceitar meus pendores alaranjados: a Holanda é um país liberal, pensei, os caras esconderam a Anne Frank dos nazistas durante anos, que coisa linda é “A Noite Estrelada”, do Van Gogh. Ótimo: mas aos 21 minutos do primeiro tempo, quando Cahill pegou na veia e mandou profundo da rede, abandonei imediatamente a laranja mecânica e abracei a esquadra amarela. Que Holanda, que nada! Eles liberam o consumo de maconha, mas não o plantio, incentivando o tráfico em outros países! Entregaram a Anne Frank pros nazistas! O Van Gogh morreu sem orelha e na miséria! Go, Aussies! (...)

(Antonio Prata. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/..._geopolitica-do-coracao.shtml. Acesso em 25.06.14.)

No terceiro parágrafo do texto, o modo como as reflexões são feitas pelo articulista – usando interrogações, exclamações e diversas marcas de oralidade – indica que, em relação às funções da linguagem, o texto

- a) recorre apenas à função fática, para que o leitor acompanhe o paradoxal raciocínio do autor do texto.
- b) faz perguntas retóricas, sobretudo para mostrar que o receptor da mensagem está sendo desconsiderado.
- c) valoriza a função referencial, uma vez que narra como foi o primeiro gol da Austrália contra a Holanda.
- d) utiliza a metalinguagem, na medida em que mostra a preocupação de explicar que Van Gogh é um pintor holandês.
- e) mistura as funções emotiva e conativa, chegando a se referir aos australianos como receptores da mensagem.

Comentário: O principal do texto – como muitas vezes ocorre em crônicas – é a opinião ou sentimento do autor sobre algum assunto (função emotiva). Neste caso, há também a função conativa, já que ele se refere tanto ao leitor, ao tentar convencê-lo dos erros da Holanda, como ao próprio time da Austrália como potencial receptor de sua mensagem. Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há elementos de manutenção do canal de comunicação neste parágrafo.

A alternativa B está incorreta, pois o leitor não está sendo desconsiderado, mas sim chamado a refletir com o escritor.

A alternativa C está incorreta, pois não busca informar de maneira objetiva o acontecimento.

A alternativa D está incorreta, pois para ser metalinguística seria necessário refletir sobre o código, não sobre as informações contidas na mensagem.

Gabarito: E

32. (ENEM – 2015)

Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)

Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na

Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas "América do Sul". A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

(XIMENES, M. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 1 ago. 2012.)

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

- a) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- b) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- c) questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- d) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- e) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

Comentário: É característico da função referencial o uso de uma linguagem objetiva, de modo que as informações sejam passadas com o mínimo julgamento de valor possível. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois há maior recorrência de verbos no passado neste texto.

A alternativa C está incorreta, pois não há questionamento do código na notícia, apenas fornecimento de informações.

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento de expressões de manutenção do código.

A alternativa E está incorreta, pois não há sinais das emoções do autor no texto nem traços de subjetividade.

Gabarito: B

33. (FGV – 2014)

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde-amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?

– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava

como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, Fogo Morto)

A passagem do quarto parágrafo – Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. – é caracterizada por discurso

a) direto, por meio do qual o narrador expressa a indignação do Capitão Vitorino e do Mestre José Amaro ao ataque à cidade do Pilar.

b) indireto, por meio do qual a personagem Quinca Napoleão explica ao Capitão Vitorino o medo que reinou em Pilar durante o ataque.

c) direto, por meio do qual a personagem Mestre Amaro manifesta sua indignação diante dos fatos que lhe são narrados.

d) direto, no qual se insere trecho de discurso indireto em que Capitão Vitorino relata a seu interlocutor o que ouviu de outrem.

e) indireto, que prepara a introdução do direto, para esclarecer que nem Capitão Vitorino nem José Medeiros presenciaram os fatos em Pilar.

Comentário: O texto se estrutura em discurso direto, o que se comprova pelos travessões indicando o diálogo. Além disso, há um pequeno trecho de discurso indireto, em que a personagem relata fatos que lhe foram contados.

A alternativa A está incorreta, pois a revolta está no que foi feito a D. Inês, não ao ataque à cidade.

A alternativa B está incorreta, pois ainda eu haja um pequeno trecho de discurso indireto, a predominância do texto é do discurso direto.

A alternativa C está incorreta, pois não se encontra no texto a reação do interlocutor de Fabiano.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que B: ainda eu haja um pequeno trecho de discurso indireto, a predominância do texto é do discurso direto.

Gabarito: D

34. UNESP – 2014 adaptada

O capitão tirou o relógio: faltava um quarto para as oito.

(Um lugar ao sol, Érico Veríssimo, 1978.)

Este período está escrito em discurso indireto livre. Assinale a alternativa em que a reformulação do período incorporou a segunda oração ao conjunto como discurso indireto.

- a) O capitão tirou o relógio e disse que faltava um quarto para as oito.
- b) O capitão tirou o relógio, para descobrir que faltava um quarto para as oito.
- c) O capitão tirou o relógio: – Falta um quarto para as oito.
- d) O capitão tirou o relógio, embora faltasse um quarto para as oito.
- e) O capitão tirou o relógio, porque faltava um quarto para as oito.

Comentário: Além da mudança correta de tempos verbais, a alternativa A substitui o conectivo dois pontos por um verbo dicendi, ou seja, aqueles que denotam ações ligadas à fala. Por isso, é a alternativa que apresenta transposição correta entre os discursos.

A alternativa B está incorreta, pois cria uma relação de finalidade que não existe no original;

A alternativa C está incorreta, pois transforma em discurso direto;

A alternativa D, pois cria uma relação de concessão que não existe no original;

A alternativa E está incorreta, pois cria uma relação de causa que não existe no original.

Gabarito: A

35. (ENEM – 2014)

Óia eu aqui de novo
Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo para xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar
Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raquel
Diz que eu tou aqui com alegria

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em: www.luiluagonzaga.mus.br. Acesso em: 5 maio 2013 (fragmento).)

A letra da canção de Antônio de Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma característica do falar popular regional é

- a) “Isso é um desaforo”
- b) “Diz que eu tou aqui com alegria”
- c) “Vou mostrar pr'esses cabras”

d) “Vai, chama Maria, chama Luzia”

e) “Vem cá morena linda, vestida de chita”

Comentário: A única alternativa que apresenta expressão regional é “Vou mostrar pr’esses cabras”, já que “cabras” se equivale a “homens”. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o trecho destacado está escrito de acordo com a norma culta.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de conter uma marca de oralidade em “tou aqui”, a questão pergunta especificamente sobre falar popular regional. Preste sempre atenção aos enunciados.

A alternativa D está incorreta, pois o trecho destacado está escrito de acordo com a norma culta.

A alternativa E está incorreta, pois o trecho destacado está escrito de acordo com a norma culta.

Gabarito: C

36. (INSPER – 2014)

TEXTO I

Barreira da língua

Cenário: um posto de saúde no interior do Maranhão.

– Buenos dias, señor, o que siente? – pergunta o médico.

– Tô com dor no bucho, comi uma tapioca reimosa, me deu um empachamento danado. Minha cabeça ficou pinicando, deu até um farnizim no juízo.

– Butcho? Tapiôka? Empatchamiento? Pinicón? Farnew zeen???

O trecho acima é de uma piada que circula no Hospital das Clínicas de São Paulo sobre as dificuldades de comunicação que os médicos estrangeiros deverão enfrentar nos rincões do Brasil. (...)

(Cláudia Colucci, Folha de S. Paulo, 03 jul.2013.)

TEXTO II

No texto “Barreira da língua”, a jornalista Cláudia Collucci reproduz uma piada ouvida no Hospital das Clínicas, em São Paulo, para criticar a iniciativa do governo de abrir a possibilidade de que médicos estrangeiros venham a trabalhar no Brasil. Faltou dizer duas obviedades ululantes para qualquer brasileiro:

1) A maioria dos ilustres médicos que trabalham no Hospital das Clínicas teria tantas dificuldades quanto um estrangeiro para entender uma frase recheada de regionalismos completamente desconhecidos nas rodas das classes média e alta por onde circulam;

2) A quase totalidade deles não tem o menor interesse em mudar para uma comunidade carente, seja no interior do Maranhão, seja num vilarejo amazônico, e lá exercer sua profissão. (...)

(José Cláuver de Aguiar Júnior, “Painel do leitor”, Folha de S. Paulo, 04 jul. /2013.)

De acordo com o Texto II, os regionalismos usados na piada transcrita no Texto I

- a) demonstram variações geográficas e sociais do idioma.
- b) dificultam a comunicação apenas entre brasileiros e estrangeiros.
- c) indicam que o português é falado do mesmo modo em qualquer lugar.
- d) são imprecisos, pois são usados apenas em comunidades carentes.
- e) seriam de difícil compreensão para qualquer brasileiro.

Comentário: A partir do excerto “uma frase recheada de regionalismos completamente desconhecidos nas rodas das classes média e alta” é possível compreender que o Texto II classifica os regionalismos como uma questão geográfica e social. A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a dificuldade também aparece entre brasileiros de diferentes classes ou convívios.

A alternativa C está incorreta, pois há diferença também entre pessoas da mesma nacionalidade mas diferentes contextos.

A alternativa D está incorreta, pois as marcas regionais não estão necessariamente associadas às classes menos abastadas.

A alternativa E está incorreta, pois só é de difícil compreensão para aqueles que não fazem parte daquela comunidade linguística, portanto, não seria uma dificuldade para todos os brasileiros.

Gabarito: A

37. (ENEM – 2014)

Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso. Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez

de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

(SABINO, Fernando. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984 (adaptado).)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que:

- a) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- b) a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações.
- c) o emprego de palavras com sentidos diferentes.
- d) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- e) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

Comentário: Apesar de não estar expresso textualmente no fragmento, a diferença geracional parece ser a responsável pela prática de utilizar palavras que já caíram em desuso. Portanto, esta questão exigiria um conhecimento extratextual e/ou uma interpretação das informações implícitas.

A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência a um incentivo do uso das palavras novas.

A alternativa C está incorreta, pois há o emprego de sinônimos no texto, porém uns mais comuns que outros.

A alternativa D está incorreta, pois não há qualquer referência a diferença social no uso das palavras apresentadas no texto.

A alternativa E está incorreta, pois não há citação a diferentes regiões.

Gabarito: B

38. (ITA – 2013) adaptada

Escravos da tecnologia

¹Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

²Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up*, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

³Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

⁴Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o site do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar on-line. Call on OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, e-mail e telefone.

⁵Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no site, mas aí nem o site nem o OpenTable podiam modificar a reserva on-line, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

⁶No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários e-mails que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

⁷Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que ranking de público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

⁸Não tenho tempo de ficar entrando em sites e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

⁹Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

¹⁰Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

¹¹O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio.

¹²As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores on-line.

(Marion Strecker. Folha de S. Paulo, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(*) Start-up: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

Assinale a opção em que no trecho selecionado NÃO se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- a) Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. (Parágrafo 2.)
- b) Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. (Parágrafo 3)
- c) Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. (Parágrafo 3)
- d) Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...]. (Parágrafo 10)
- e) Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes. (Parágrafo 11)

Comentário: Não há sentido figurado no período “Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos”. Ele é denotativo e literal: a tecnologia de fato pode eliminar empregos, pois funções que antes seriam desempenhadas por seres humanos,

A alternativa B apresenta sentido figurado na expressão “disputa a tapa”, que significa disputar com afinco e persistência.

A alternativa C apresenta sentido figurado na expressão “encher o bolso”, que significa enriquecer.

A alternativa D apresenta sentido figurado na expressão “empurrar goela abaixo”, que significa obrigar a ter consumir.

A alternativa E apresenta sentido figurado na expressão “invadir a praia”, que significa tomar para si algo que pertencia a outrem.



Ultraje a Rigor – Nós vamos invadir sua praia

A banda Ultraje a Rigor nasce em São Paulo, nos anos 80. Esse é um período muito importante para o Rock Nacional, que se desenvolvia a todo vapor com bandas como Barão Vermelho, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso e Blitz.

Esse cenário, porém, era muito concentrado no Rio de Janeiro. Com a música “Nós Vamos Invadir Sua Praia”, o Ultraje a Rigor faz uma provocação: a banda iria entrar no espaço que era dos cariocas – a praia – e dominar o cenário também.

Gabarito: A

39. (FUVEST - 2012)

"Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação."

Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.

A partir da leitura do texto, podemos inferir que uma língua é:

- a) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- b) sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- c) conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- d) complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- e) conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

Comentários: A língua padrão é uma escolha, elegida entre outras variedades como a ideal, ainda que não reflita necessariamente a realidade social dos falantes. Esse padrão alcança prestígio (maior valor social) e passa a ser considerado exemplar (norma). Por isso a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não é exatamente o grupo de pessoas com maior prestígio social que escolhe o padrão, mas é ele que acaba por utilizar o padrão, por dominá-lo, por ter acesso a ele.

Alternativa C está incorreta, pois em nenhum momento é dito que a proliferação (reprodução, aumento, multiplicação) da língua é vedada (proibida). Pelo contrário, ele é um fluxo incontável. Alternativa D incorreta, pois não se trata de “prejudicar”. A heterogeneidade social só colabora para tornar uma língua mais rica culturalmente.

Alternativa E está incorreta, pois há apenas a eleição de um padrão, não de vários como sugere o uso do plural na alternativa.

Gabarito: A

40. (FUVEST – 2012)

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

Comentários: A palavra “coercitivo” significa “aquele que reprime”. O termo “coercitivo”, portanto, significa que o padrão reprime (restringe) as outras variedades. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois norma padrão não tende a ser inovadora, mas sim conservadora. A alternativa C está incorreta, pois. “Transigente”, segundo o Dicionário Houaiss, denota “aquele que cede; condescendente, tolerante”. É dito o contrário no trecho: o padrão é coercitivo, restringe, não é permissivo.

A alternativa D está incorreta, pois o padrão não é neutro. Toda estrutura segue a um comportamento específico. Se exerce coerção, não é neutra.

A alternativa E está incorreta, pois as variedades não são aleatórias (que depende das circunstâncias, do acaso; casual, fortuito, contingente, que depende de ocorrências imprevisíveis), mas sim seguem a uma lógica, tratando-se de “subsistemas adequados às necessidades de seus usuários” (L. 2).

Gabarito: B

41. (UNIFESP – 2012) adaptado

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

(Eni Orlandi. Fragmento de *As formas do silêncio*, 1997.)

No fragmento, empregam-se as aspas no termo “condenado” para

- a) atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.

- b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.
- c) marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.
- d) enfatizar-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.
- e) destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

Comentário: O sentido primeiro de “condenado” é “considerado culpado”. No contexto apresentado, significa algo como “fadado” ou “predestinado”.

A alternativa A está incorreta, pois este é justamente o primeiro sentido da palavra;

A alternativa C está incorreta, pois apesar de estar no sentido conotativo, não significa reprovável;

A alternativa D está incorreta, pois não está no sentido denotativo nem significa desgraçado neste contexto;

A alternativa E está incorreta, pois a palavra buliçoso significa “agitado”, incompatível com o contexto, portanto.

Gabarito: B

42. (FGV – 2012) adaptada

Lixo industrial na sua casa

A obsolescência programada dos produtos já ultrapassou todos os limites. Você compra uma geladeira, um fogão, uma máquina de lavar hoje e daqui a três ou quatro meses consulta a lista de assistência técnica. Chato, não?

Vem a assistência técnica autorizada, conserta (1), ou melhor, dá um jeito por um mês ou dois. E o produto quase novo, já reparado (2), está novamente estragado. Irritante, não?

Pois é, falamos, discutimos, escrevemos, lemos e vemos programas (3) e filmes sobre a proteção ao ambiente. Um tema relevante (4), empolgante (5), mas que se contrapõe à curta duração dos produtos.

Porque, bem, cá entre nós e que ninguém nos ouça, com produtos fabricados (6) para estragar e assistência técnica que faz gambiarras (7), sai mais em conta comprar um novo.

Chegamos, então, à triste situação de descartar, após um ano ou dois, equipamentos que antes duravam dez ou mais anos. Todos feitos com muito plástico, que deforma, enguiça, quebra e não dura.

A natureza, já tão ameaçada por nosso descaso e desrespeito milenares, sofre com montanhas (8) de baterias, carcaças de celulares, de máquinas de lavar e fontes de microcomputadores. Lixo, muito lixo, que decorre (9) da cupidez de quem fabrica porcaria (10) para vender novamente em prazo recorde.

(Maria Inês Dolci, Folha de S. Paulo, 31/05/2010. Adaptado.)

Destes pares de palavras, entendidos no contexto, o único em que ocorrem contrastes entre linguagem formal e informal e entre denotação e conotação é:

- a) “conserta” (ref. 1) / “decorre” (ref. 9).
- b) “reparado” (ref. 2) / “fabricados” (ref. 6).
- c) “relevante” (ref. 4) / “empolgante” (ref. 5).
- d) “programas” (ref. 3) / “montanhas” (ref. 8).
- e) “gambiarras” (ref. 7)/ “porcaria” (ref. 10).

Comentário: “Programas” está empregada no sentido literal. O contexto em que essa palavra aparece é “falamos, discutimos, escrevemos, lemos e vemos programas e filmes sobre a proteção ao ambiente”. Aqui, aponta-se uma situação real, não metafórica, alinhada à linguagem formal.

Já “montanhas” significa, de maneira metáfora, uma grande quantidade. O contexto em que essa palavra aparece é “sofre com montanhas de baterias, carcaças de celulares”. Não significa que de fato há montanhas físicas de baterias, mas sim que há muitas. É uma expressão hiperbólica.

A alternativa correta, portanto, é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois ambas as palavras estão no sentido denotativo e no registro formal da linguagem. Os contextos em que aparecem são:

“Vem a assistência técnica autorizada, conserta (1), ou melhor, dá um jeito por um mês ou dois.”

“muito lixo, que decorre (9) da cupidez de quem fabrica porcaria”

A alternativa B está incorreta, pois ambas as palavras estão no sentido denotativo e no registro formal da linguagem. Os contextos em que aparecem são:

“o produto quase novo, já reparado (2), está novamente estragado.”

“com produtos fabricados (6) para estragar”

A alternativa C está incorreta, pois ambas as palavras estão no sentido denotativo e no registro formal da linguagem. Os contextos em que aparecem são:

“Um tema relevante (4), empolgante (5)”

A alternativa E está incorreta, pois ambas as palavras estão no sentido conotativo. E no registro informal da linguagem Os contextos em que aparecem são:

“assistência técnica que faz gambiarras (7),”

“decorre da cupidez de quem fabrica porcaria (10) para vender novamente em prazo recorde”

43. (ENEM - 2012)

Entrevista

Almir Suruí

Não temos o direito de ficar isolados

Soa contraditório, mas a mesma modernidade que quase dizimou os suruí nos tempos do primeiro contato promete salvar a cultura e preservar o território desse povo. Em 2007, o líder Almir Suruí, de 37 anos, fechou uma parceria inédita com o Google e levou a tecnologia às tribos. Os índios passaram a valorizar a história dos anciãos. E a resguardar, em vídeos e fotos *on-line*, as tradições da aldeia. Ainda se valeram de *smartphones* e GPS para delimitar suas terras e identificar os desmatamentos ilegais. Em 2011, Almir Suruí foi eleito pela revista americana *Fast Company* um dos 100 líderes mais criativos do mundo dos negócios.

ÉPOCA - Quando o senhor percebeu que a internet poderia ser uma aliada do povo suruí?

Almir Suruí - Meu povo acredita no diálogo. Para nós, é uma ferramenta muito importante. Sem a tecnologia, não teríamos como dialogar suficientemente para propor e discutir os direitos e territórios de nosso povo. Nós, povos indígenas, não temos mais o direito de ficar isolados. Ao usar a tecnologia, valorizamos a floresta e criamos um novo modelo de desenvolvimento. Se a gente usasse a tecnologia de qualquer jeito, seria um risco. Mas hoje temos a pretensão de usar a ferramenta para valorizar nosso povo, buscar nossa autonomia e ajudar na implementação das políticas públicas a favor do meio ambiente e das pessoas.

RIBEIRO, A. Época, 20 fev. 2012 (fragmento).

As tecnologias da comunicação e informação podem ser consideradas como artefatos culturais. No fragmento de entrevista, Almir Suruí argumenta com base no pressuposto de que

- a) as tecnologias da informação presentes nas aldeias revelam-se contraditórias com a memória coletiva baseada na oralidade.
- b) as tradições culturais e os modos de transmiti-las não são afetados pelas tecnologias da informação.
- c) as tecnologias da informação inviabilizam o desenvolvimento sustentável nas aldeias.
- d) as tecnologias da informação trazem novas possibilidades para a preservação de uma cultura.
- e) as tecnologias da informação permitem que os povos indígenas se mantenham isolados em suas comunidades.

Comentários: Almir Suruí, na entrevista, afirma que “Ao usar a tecnologia, valorizamos a floresta e criamos um novo modelo de desenvolvimento. Se a gente usasse a tecnologia de qualquer jeito, seria um risco. Mas hoje temos a pretensão de usar a ferramenta para valorizar nosso povo, buscar nossa autonomia e ajudar na implementação das políticas públicas a favor do meio ambiente e das pessoas”.



Assim, pode-se presumir que as tecnologias da informação trazem novas possibilidades para a preservação de uma cultura. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois as tecnologias se mostram um modo de preservação de uma memória coletiva e tradições que antes pertenciam ao campo da oralidade apenas.

A alternativa B está incorreta, pois as tecnologias afetam o modo como preservamos as memórias, já que elas fornecem dispositivos para a manutenção dessas tradições.

A alternativa C está incorreta, pois não há nada no texto que permita pensar que a sustentabilidade seja prejudicada pela tecnologia no caso específico da entrevista.

A alternativa E está incorreta, pois o entrevistado reforça a importância de não se manter mais isolado nos dias de hoje e como a tecnologia pode ajudar nesse processo.

Gabarito: D

44. (FUVEST- 2011)

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

(R. Moraes e R. Linsker. Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo. National Geographic Brasil (adaptado).)

No texto, a expressão que indica, de modo mais evidente, o distanciamento social do segundo interlocutor em relação às pessoas a que se refere é

- a) “disposição para o trabalho”.
- b) "vibração empreendedora”.
- c) "feição muito particular”.
- d) “saindo para trabalhar”.
- e) "dessa gente”.

Comentário: O autor do texto se distancia das pessoas ao tratá-las pelo pronome demonstrativo “essas”, que indica pouca proximidade. A palavra “dessas” é formada pelo “de” + “essas”. Por isso, a alternativa certa é alternativa E.



A alternativa A está incorreta, pois essa expressão apenas descreve uma característica das pessoas de São Paulo, não indica proximidade nem distanciamento.

A alternativa B está incorreta, pois, assim como em A, essa expressão apenas descreve uma característica das pessoas de São Paulo, não indica proximidade nem distanciamento.

A alternativa C está incorreta, pois essa expressão apenas descreve uma característica da cidade de São Paulo, não indica proximidade nem distanciamento.

A alternativa D está incorreta, pois essa frase apenas indica uma ação dos moradores da cidade que emociona o autor, sem indicar proximidade nem distanciamento.

Gabarito: E

45. (FUVEST – 2011)

Ao reproduzir um diálogo, o texto incorpora marcas de oralidade, tanto de ordem léxica, caso da palavra “garra”, quanto de ordem gramatical, como, por exemplo,

- a) “lanço à queima-roupa”
- b) “Agora você me pegou”.
- c) “deixa eu ver”
- d) “Bogotá é muito feiosa”
- e) “é algo que me toca”.

Comentário: A única questão que apresenta marca de oralidade é a alternativa C. Segundo a norma culta, este período deveria ser escrito “deixe-me ver” ao invés de utilizar um imperativo (deixa) e um pronome reto (eu) na composição com um verbo no infinitivo (ver).

A alternativa A está incorreta, pois “lançar à queima-roupa” é uma expressão presente tanto na norma culta quanto na oralidade.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de parecer uma expressão coloquial, os termos estão todos na ordem tradicional gramatical, inclusive o “me” que segundo a gramática deve ficar antes do verbo quando houver um você ou outro pronome na oração. Veremos colocação pronominal na aula 03 desse curso.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de “feiosa” ser uma palavra ligeiramente coloquial, não é a alternativa correta pois a pergunta enfatiza que está interessada na “ordem gramatical”. Só seria correto neste caso se fosse uma questão sobre a ordem léxica.

A alternativa E está incorreta, pois os termos estão todos na ordem tradicional gramatical, inclusive o “me” que segundo a gramática deve ficar antes do verbo quando houver um “que” na oração.

Gabarito: C

46. (ENEM – 2010)

MOSTRE QUE SUA MEMÓRIA É MELHOR DO QUE A DE COMPUTADOR E GUARDE ESTA CONDIÇÃO: 12X SEM JUROS.

Campanha publicitária de loja de eletrônicos. Revista Época. Nº 424, 03 jul. 2006

Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo configurações específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é

- a) influenciar o comportamento do leitor por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- b) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- c) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- d) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente desfavorecidas.
- e) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

Comentário: Pertencente de modo geral à função conativa, a publicidade busca convencer o leitor/receptor a consumir um bem que lhe é oferecido. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há crítica ao consumismo no texto publicitário em geral, pelo contrário, há seu incentivo;

A alternativa C está incorreta, pois não há nenhuma referência ao público de baixo poder aquisitivo.

A alternativa D está incorreta, pelo mesmo motivo que C: não há nenhuma referência ao público de baixo poder aquisitivo.

A alternativa E está incorreta, pois a ideia da propaganda é que a memória de um computador é melhor que a humana, não o contrário.

Gabarito:

47. ENEM – 2010

Câncer 21/06 a 21/07

O eclipse em seu signo vai desencadear mudanças na sua autoestima e no seu modo de agir. O corpo indicará onde você falha – se anda engolindo sapos, a área gástrica se ressentirá. O que ficou guardado virá à tona, pois este novo ciclo exige uma “desintoxicação”. Seja comedida em suas ações, já que precisará de energia para se recompor. Há preocupação com a família, e a comunicação entre os irmãos trava. Lembre-se: palavra preciosa é palavra dita na hora certa. Isso ajuda também na vida amorosa, que será testada. Melhor conter as expectativas e ter calma, avaliando as próprias carências de modo maduro. Sentirá vontade de olhar além das questões materiais – sua confiança virá da intimidade com os assuntos da alma.

(Revista Cláudia. Nº 7, ano 48, jul. 2009)

O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função específica, seu objetivo comunicativo e seu formato mais comum relacionam-se aos conhecimentos construídos sócio culturalmente. A análise dos elementos constitutivos desse texto demonstra que sua função é

- a) Vender um produto anunciado.
- b) Informar sobre astronomia.
- c) Ensinar os cuidados com a saúde.
- d) Expor a opinião de leitores em um jornal.
- e) Aconselhar sobre amor, família, saúde, trabalho.

Comentário: O horóscopo se apresenta como um texto injuntivo já que aconselha o comportamento do leitor e fornece sugestões de ação, além do uso constante de verbos no imperativo. A alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há propósito de consumo, mas sim de sugestão de comportamento.

A alternativa B está incorreta, pois não é um texto didático de astronomia, mas sim um texto baseado em astrologia.

A alternativa C está incorreta, pois as referências à saúde aparecem em uso metafórico (engolir sapos e área gástrica, por exemplo).

A alternativa D está incorreta, pois não se refere às opiniões dos leitores, mas sim da percepção do astrólogo sobre o momento.

Gabarito: E

48. UNIFESP-2007

Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:

O que você pensa de sexo?

Uma das maravilhas da criação, eu respondi.

Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas

E esperava que eu dissesse maldição,

Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Em discurso indireto, os dois primeiros versos assumem a seguinte forma:

- a) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensaria de sexo?
- b) Um homem do mundo me perguntou o que você pensava de sexo.
- c) Um homem do mundo me perguntou o que eu penso de sexo?
- d) Um homem do mundo me perguntou o que você pensa de sexo.
- e) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensava de sexo.

Comentário: Como o verbo “pensar” se encontra no presente, na transposição para discurso indireto deve ser convertido em pretérito imperfeito.

A alternativa A está incorreta, pois está no futuro do pretérito;

A alternativa B está incorreta, pois não mudou a pessoa verbal, mantendo o “você”;

A alternativa C está incorreta, pois não mudou o tempo verbal;

A alternativa D está incorreta, pois não mudou a pessoa verbal.

Gabarito: E

49. UNIFESP – 2005

Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

(Oswald de Andrade)

No contexto, a expressão "com história", significa

- a) um colóquio de intelectuais.
- b) uma conversa fiada.
- c) um comunicado urgente.

- d) uma prosa de amigos.
- e) um diálogo sério.

Comentário: “Vir com história” é uma expressão de sentido figurado que significa “palavrório inútil” ou “papo furado”, ambos sinônimos de conversa fiada. Neste caso, nenhuma das outras alternativas apresentava sinônimos compatíveis com o contexto. Esta questão dependia também do conhecimento de vocabulário do aluno

Gabarito: B

50. ENEM – 2005

O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

- a) “(...) É de laço e de nó De gibeira o jiló Dessa vida, cumprida a sol (...)” (Renato Teixeira. Romaria. Kuarup Discos. setembro de 1992.)
- b) “Protegendo os inocentes é que Deus, sábio demais, põe cenários diferentes nas impressões digitais.” (Maria N. S. Carvalho. Evangelho da Trova. /s.n.b.)
- c) “O dicionário-padrão da língua e os dicionários unilíngües são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas.” (Maria T. Camargo Biderman. O dicionário-padrão da língua. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)



d) (O Globo. O menino maluquinho. agosto de 2002.)

- e) “Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer.” (Leon Eliachar. www.mercadolivre.com.br. acessado em julho de 2005.)

Comentário: Dicionário-padrão está no seu sentido denotativo, ou seja, significa exatamente o sentido primeiro da expressão. Esse trecho mostra um verbete, uma definição do que é um dicionário. A alternativa correta é alternativa C.

As expressões em sentido conotativo nas outras alternativas significam, respectivamente:

Na alternativa A, “cumprida a sol” significa uma vida trabalhando e vivendo sob o sol.

Na alternativa B, “cenários” significa desenhos e formas.

Na alternativa D, “bateria” significa pique, ânimo.

Na alternativa E, “fazer cócegas no raciocínio do outro” significa acessar o outro e fazê-lo pensar no nível do humor.

Gabarito: C

51. UFV-2005

Leia as passagens abaixo, extraídas de São Bernardo, de Graciliano Ramos:

I. Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.

II. Uma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito.

III. João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.

IV. Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?

V. Foi assim que sempre se fez. [respondeu Azevedo Gondim] A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Assinale a alternativa em que ambas as passagens demonstram o exercício de metalinguagem em São Bernardo:

- a) III e V.
- b) I e II.
- c) I e IV.
- d) III e IV.
- e) II e V.

Comentário: A função metalinguística se centra no código, ou seja, fala sobre a própria língua e suas expressões.

Em III há uma referência a períodos gramaticais e em V há uma elucubração acerca da relação entre literatura e oralidade.

Nenhum dos outros itens tece comentários acerca da língua, da literatura ou do ato de escrever.

Gabarito: A

52. UNIFESP – 2005

Leia os versos de Almeida Garrett para responder às questões

Este inferno de amar
Este inferno de amar - como eu amo!
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida - e que a vida destrói -
Como é que se veio a atear,
Quando - ai quando se há- de ela apagar?

Nos versos de Garrett, predomina a função

- a) metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.
- b) apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.
- c) referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.
- d) emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos, dando vazão ao subjetivismo.
- e) fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

Comentário: O objetivo do poema é expressar as emoções do autor e seu sentimento acerca do amor. Por isso, o texto se encontra na função emotiva da linguagem. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois para haver metalinguagem seria necessária a reflexão acerca do código.

A alternativa B está incorreta, pois para haver função apelativa seria necessário que o autor se focasse nas sensações do leitor e não nas suas.

A alternativa C está incorreta, pois não há privilégio do racional neste texto.

A alternativa E está incorreta, pois não há teste do canal ou ideias evasivas no poema.

Gabarito: D

53. (FGV-2003)

Assinale a alternativa em que ocorra discurso indireto.

- a) Perguntou o que fazer com tanto livro velho.



- b) Já era tarde. O ruído dos grilos não era suficiente para abafar os passos de Delfino. Estaria ele armado? Certamente estaria. Era necessário ter cautela.
- c) Quem seria capaz de cometer uma imprudência daquelas?
- d) A tinta da roupa tinha já desbotado quando o produtor decidiu colocá-la na secadora.
- e) Era então dia primeiro? Não podia crer nisso.

Comentário: “Que lembrança” é um comentário feito pelo próprio Fabiano, incluído em meio ao texto e aos comentários do narrador. Esta é a característica mais marcante do discurso indireto livre. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o “assim” presente nessa oração não indica um prenúncio de fala, mas sim um modo como ela teria falado.

A alternativa B está incorreta, pois esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

A alternativa C está incorreta, pois, assim como em B, esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em B e C, esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

Gabarito: A

54. FUVEST-2000

Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*)

Uma das características do estilo de *Vidas secas* é o uso do discurso indireto livre, que ocorre no trecho

- a) “Sinhá Vitória falou assim”.
- b) “Fabiano resmungou”.
- c) “franziu a testa”.
- d) “que lembrança”.
- e) “olhou a mulher”

Comentário: “Que lembrança” é um comentário feito pelo próprio Fabiano, incluído em meio ao texto e aos comentários do narrador. Esta é a característica mais marcante do discurso indireto livre. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o “assim” presente nessa oração não indica um prenúncio de fala, mas sim um modo como ela teria falado.

A alternativa B está incorreta, pois esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

A alternativa C está incorreta, pois, assim como em B, esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

A alternativa E está incorreta, pois, assim como em B e C, esse trecho é apenas a descrição do narrador das ações da personagem.

Gabarito: D

8 – Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira. **Gramática** – texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2006.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2011 (Acadêmica, 71).

MOISÉS, Massaud. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1974.

Considerações finais

Este material é bastante completo e detalhado, mas você não precisa se desesperar!

Como vimos, no vestibular do IME importa mais **entender** os contextos e significados do que decorar regras. Preste muita atenção, portanto, para o **significado** das palavras nos seus **contextos**.

Na próxima aula, veremos dois assuntos bem importantes para o português:

- Figuras de linguagem; e
- Efeitos de sentido.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula!
Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

| Versão | Data | Modificações |
|--------|------------|---------------------------|
| 1 | 22/12/2019 | Primeira versão do texto. |

